

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JÉSSICA CHRISTINE MAES

**O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA JUDAICA EM CURITIBA: ORIGENS E  
INFLUÊNCIAS**

CURITIBA

2013

JÉSSICA CHRISTINE MAES

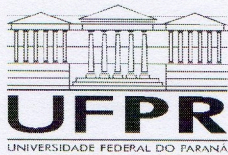
**O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA JUDAICA EM CURITIBA: ORIGENS E  
INFLUÊNCIAS**

Projeto de pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná

Orientação: Professora Dra. Myrian Del Vecchio de Lima.

CURITIBA

2013



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO SOCIAL E DESIGN

AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL  
DO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

NOME DA ALUNA: JESSICA CHRISTINE MAES

TÍTULO: "O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA JUDAICA EM  
CURITIBA: ORIGENS E INFLUÊNCIA"

LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:

Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR,  
realizada na Sala 04 do DECOM, no dia 15/03/13, às 10h30.

BANCA EXAMINADORA	NOTA
MYRIAN DEL VECCHIO (Orientadora)	100
JOSÉ CARLOS FERNANDES	100
TÂNIA MARIA BAIBICH	—
<b>MÉDIA FINAL:</b> .....	100

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA
MYRIAN DEL VECCHIO (Orientadora)	
JOSÉ CARLOS FERNANDES	
TÂNIA MARIA BAIBICH	

Curitiba, 01 de março de 2013.

## AGRADECIMENTO

A exemplo de algumas pessoas que conheço, assim que comecei a pensar nesse projeto, sabia que era uma tarefa que eu precisava completar sozinha. Eu sabia que estava entrando num processo de autoconhecimento possivelmente decisiva para o meu futuro, levando em conta não só uma forma de repensar como eu quero que seja a minha carreira, mas também considerando uma busca antiga para compreender a fé que move uma das grandes religiões do mundo. Além disso, buscava para provar a mim mesma que era capaz disso e não queria correr o risco de entregar alguma amizade ao misturá-la com um trabalho tão estressante como esse.

Mesmo não tendo uma equipe para eu fazer arrancar os cabelos, os que estavam ao meu redor acabaram tendo que lidar com crises de estresse e choro, além de dias de mau humor incomparável. Por isso, só tenho que agradecer aos meus pais, que já não bastava terem feito de tudo para me trazer até aqui, ainda aguentaram muitos “boa noite” de cara amarrada seguido de um estrondo vindo da porta do quarto encontrando com o batente.

Também não há como deixar de fora meus dois primeiros amigos que, por terem uma irmã tão insuportavelmente caçula, me ensinaram quase tudo, desde andar de bicicleta na rua de casa até que “a+ba+ca+te” dá “abacate”. Essa, a primeira palavra que eu li, conheci sentada no sofá ao lado da Pati que, com uma máquina de escrever no colo e lidando com toda a petulância da pirralha de cinco anos, me mostrou esse mundo tão amado e reconfortante das palavras e leva, com facilidade, o título de melhor irmã dessa galáxia e de outras.

Também teve, é claro, o namorado que se prontificou a dar mil provas de amor correndo com impressões e livros pra lá e pra cá, ajudando a organizar a bagunça, acalmando o choro nervoso e destruindo qualquer tipo de bloqueio criativo com um pote de sorvete ou de batatinhas fritas.

Dos amigos, preciso agradecer a quem se manteve junto mesmo não passando pela mesma situação e que já não podiam mais ouvir a justificativa “não posso, tenho TCC para fazer”. Leda, Livia e Pillows, obrigada por não terem deixado de fazer os convites para as coisas mais legais, mesmo sabendo que eu não iria.

Helô, Marina e Bruno estavam no mesmo barco desesperador e tão torturantemente infinito. Compartilharam infinitas formas de fazer referências,

citações e outras tantas normas da ABNT que agora já decoramos. Um obrigada especial a vocês três que, mesmo sem saber, me puxavam até o final dessas trocentas páginas e horas de entrevista.

Considerando esse bando de gente, terminei esse trabalho com a certeza inexorável de que não dá, não há jeito, é totalmente impossível viver sem amor e sem esse calor humano que nos faz acreditar que as coisas sempre têm um final feliz.

Jéssica Christine Maes

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é estabelecer a base teórica para a produção de um livro-reportagem sobre a comunidade judaica de Curitiba e como ela se apresenta atualmente. Apesar de ser considerada pequena quando comparada com as de outras cidades brasileiras, tem forte presença na sociedade local, já tendo elegido prefeitos e até mesmo governadores. Os primeiros imigrantes judeus chegam no Paraná em 1889 e se instalam no centro da capital, onde até hoje está situado o Centro Israelita do Paraná, que concentra todas as instituições da comunidade, como a Sinagoga Beit Yaacov, a Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann e o Museu do Holocausto. O livro-reportagem se apresenta como um formato interessante para traçar um retrato do cotidiano pois permite o aprofundamento do pesquisador nessa rotina e, por ser construído com perfis de membros relevantes da comunidade, traz um relato mais humanizado. Para a construção dos perfis, foram realizadas entrevistas de profundidade com a professora Denise Weishof, o rabino Pablo Bergman, a sobrevivente do Holocausto Bunia Finkiel, o ex-governador do Paraná Jaime Lerner e Thelma Mazer, uma das autoras do livro de receitas judaicas da mãe, Sara Zugman. Além disso, também foram utilizados os métodos de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e visitas ao Centro Israelita. Em conjunto, estes três métodos de pesquisa revelaram que a comunidade judaica atualmente encontra-se em um momento posterior ao de seu estabelecimento completo na cidade. Apesar de ainda serem muito ligados às tradições israelitas, os membros desta cada vez mais se assimilam à cultura local, abandonando hábitos como o da visita semanal à sinagoga e da matrícula dos filhos na Escola Israelita.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Perfil jornalístico. Cultura judaica. Curitiba.

## **ABSTRACT**

The objective of this study is to establish the theoretical basis for the production of a non-fictional novel about Curitiba's Jewish community and how it presents itself currently. Even though it might be considered small when compared to its similar in other Brazilian cities, it has a strong presence in the local society, being responsible for the election of mayors and even governors. The first Jewish immigrants came to Paraná in 1889, settling down in the city center, where the Centro Israelita do Paraná (Paraná's Israelites Center) still stands, concentrating all the community's institutions, like the Beit Yaacov Synagogue, the Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann and the Holocaust Museum. Since it provides the researcher with a possibility of in depth knowledge of the community's everyday life, the non-fictional novel presents itself in an interesting way to portrait that routine and bring a more humanized report on it, because of its construction with profiles from renowned members of the group. For the assembly of these profiles, extensive interviews were made with Professor Denise Weishof, Rabbi Pablo Berman, Holocaust survival Bunia Finkiel, Paraná's former Governor Jaime Lerner and Thelma Mazer, one of the authors of her mother's Jewish Cuisine book, Sara Zugaman. Apart from that, bibliographic research methods were also applied, along with documental research and visits to the Israelietes Center. Together, these three methods of research revealed that the Jewish community currently finds itself ahead of its complete establishment on the city. Although still largely attached to the Israelites traditions, its members adapt themselves in a growing basis to the local culture, abandoning habits like the Synagogue's weekly visits and the enrolment of Jewish children on the Escola Israelita.

Key words: Non-fictional novel. Journalistic profile. Jewish culture. Curitiba.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	10
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	11
<b>METODOLOGIA</b> .....	13
<b>1. A REPORTAGEM EM FORMA DE LIVRO</b> .....	15
1.1 ASPECTOS DA REPORTAGEM JORNALÍSTICA: POR EXCELÊNCIA, A GRANDE REPORTAGEM .....	15
1.2 CARACTERÍSTICAS DO LIVRO REPORTAGEM E SEU PAPEL .....	19
1.3 PERFIL: JORNALISMO DE PERSONAGENS .....	24
<b>2. PANORAMA DOS JUDEUS NO MUNDO</b> .....	31
2.1 IDENTIDADE, PERSEGUIÇÕES E IMIGRAÇÕES .....	31
2.2 A IMIGRAÇÃO PARA CURITIBA.....	38
<b>3. METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52
<b>ANEXOS</b> .....	57

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema traçar um retrato fragmentado da cultura judaica em Curitiba, sua consolidação e expansão como uma comunidade representativa na cidade. Para dar conta de um levantamento da história e do entendimento das tradições, costumes e ações dessa comunidade cultural, na qual a religião e o comércio constituem segmentos fundamentais, foi feito um trabalho de grande reportagem jornalística, com entrevistas realizadas junto a líderes e membros da comunidade, acompanhadas por visitas a sinagogas, escolas e outros espaços que representam a vivência da cultura judaica na cidade.

O resultado desse levantamento é apresentado no formato de um livro-reportagem sobre a cultura judaica em Curitiba e a influência exercida por este grupo na cidade. A publicação é formatada por meio de perfis de personalidades da comunidade ou situações/instituições que representem determinados aspectos socioculturais.

Inicialmente, algumas questões foram levantadas: de que forma a instalação e o progressivo fortalecimento da comunidade judaica em Curitiba tem influência sobre outros moradores da capital? Em quais segmentos socioeconômicos e culturais a comunidade é representativa? As tradições judaicas, em termos religiosos e culturais, são realmente fechadas? A religião permanece como ponto de união entre a comunidade? Como o poderio financeiro dos judeus em todo o mundo está representado em Curitiba?

A partir desses pontos iniciais buscou-se responder, no formato de reportagens, essas e outras perguntas que surgem ao longo do trabalho de produção da pesquisa jornalística. Das questões também emergiram os objetivos geral e específicos desse trabalho, a seguir listados.

### OBJETIVOS

#### Objetivo geral

Analisar o espaço ocupado pela comunidade judaica em Curitiba, a sua influência na política, economia e cultura locais, produzindo um relato no formato de livro-reportagem.

## Objetivos específicos

- a) Elaborar um perfil histórico sobre a comunidade judaica em Curitiba, desde a chegada das primeiras famílias, passando pelos períodos das guerras mundiais e até a situação atual, destacando as tradições e facetas socioculturais, econômicas e políticas de tal comunidade,
- b) Realizar visitas a escolas, sinagogas, espaços culturais e comerciais ligados à comunidade, de forma a vivenciar e perceber melhor suas expressões políticas, educativas, socioeconômicas e culturais.
- c) Coletar informações e opiniões, por meio de entrevistas realizadas junto a atores selecionados da comunidade em estudo, de modo a produzir perfis e reportagens sobre diversos aspectos socioculturais, formando um painel no formato de livro-reportagem.

## JUSTIFICATIVA

A execução desse trabalho de pesquisa se justifica pela pouca quantidade de trabalhos jornalísticos que discorrem sobre a comunidade judaica curitibana. Entre todas as comunidades étnicas de uma cidade como Curitiba, formada por meio de intenso processo de migrações, talvez a dos judeus seja uma das menos lembradas e divulgadas. Em um primeiro momento, essa pesquisa é movida pela curiosidade sobre as tradições da comunidade judaica, mas pretende avançar no sentido de revelar as contribuições socioculturais dessa comunidade que mais acrescentaram para a cidade como um todo. O Museu do Holocausto, por exemplo, inaugurado em novembro de 2011 e aberto à visita em fevereiro de 2012, é o único do gênero no Brasil. Nasceu da iniciativa de um membro da comunidade judaica em Curitiba e busca lembrar, pelo registro e memória de fatos e objetos, o genocídio judeu praticado pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial.

A escolha do livro-reportagem como suporte para os perfis que compõem o produto dessa pesquisa se justifica por permitir a produção de uma grande reportagem, em termos de extensão e adensamento de informações. Apenas esse formato permitirá a realização da proposta de adquirir um conhecimento sobre o

tema a partir do convívio com membros da comunidade em foco e com facetas de sua cultura: religião, comércio, tradições, educação, festas, etc. Tentou-se, assim, obter um produto final jornalisticamente rico, que não fosse simplesmente uma análise superficial e fria – nem tampouco um relato inflamado e parcial – mas que ao conservar o distanciamento necessário ao profissional do jornalismo ao transformar fatos em notícias, conseguisse, paralelamente, passar ao leitor a vivência de uma cultura diferenciada, mas integrante de uma cidade construída por imigrantes.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a execução desse projeto, parte-se da pressuposição de que o estabelecimento dos judeus como uma comunidade representativa em Curitiba se deve à união e integração existente entre eles. Por ser um processo demorado e complexo, a investigação sobre essas características não pode ser feita no ritmo acelerado existente no jornalismo diário. Como já foi dito, ao optar pelo formato de livro-reportagem, do ponto de vista teórico, esse trabalho se fundamenta, principalmente, na pesquisa de Edvaldo Pereira Lima, autor da tese *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2004) e da obra *O que é livro-reportagem* (1998). Para LIMA, o jornalismo interpretativo é essencial e a grande reportagem atua como catalisadora do livro-reportagem.

Visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver modalidade de mensagem jornalística batizada de reportagem. É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande-reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento notícia com lead e as pirâmides já mencionadas (LIMA, 1993, p. 24).

Embora esse formato de grandes relatos jornalísticos seja bastante antigo (como comprovam as obras *Os Sertões*, escrito em 1902 por Euclides da Cunha; bem como os relatos das ruas de Londres, que aparecem nas obras de Charles Dickens no século XIX), a modalidade de grande reportagem, que mescla o jornalismo e a literatura, ganhou destaque mundial a partir do movimento denominado *New Journalism*, que aconteceu nos Estados Unidos, entre as décadas

de 1960 e 1970. Um de seus expoentes, Truman Capote, inclusive, costumava se referir aos livros-reportagem ou romances-reportagem como “romances de não ficção”.

Ainda de acordo com LIMA, o livro-reportagem:

[...] é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2004, p. 26).

É seguindo essa linha de pensamento teórico, de se pensar a reportagem como um grande relato com linguagem livre, mas sempre preservando a veracidade jornalística, que se buscou executar esse trabalho.

Além de Evaldo Pereira Lima, foram consultados outros autores como Eduardo Belo, que aponta esse formato jornalístico como uma saída ao modo de produção quase industrial que se estabeleceu nas redações de jornais, revistas e meios eletrônicos. Para ele, essa realidade acaba empurrando os profissionais para a busca de produções alternativas, que fujam da cobertura “burocrática e superficial” que se apresenta.

BELO (2006) ainda dá atenção especial aos jornais impressos, ressaltando que, ao invés destes tentarem competir com o rádio, a televisão e a internet no que diz respeito à produção e consumo de notícias, deviam investir na ampliação da equipe e das edições. Assim, valorizar-se-ia a credibilidade e profundidade que os veículos impressos ainda parecem ter, uma vantagem sobre os outros meios.

Olhando por esse ângulo, fica fácil perceber que a dificuldade por que passa a mídia impressa no Brasil – e em parte no mundo – é menos uma crise da comunicação escrita do que um problema de identidade. Jornais e, em menos grau, revistas, ainda não encontraram um caminho adequado para sobreviver na era da informação eletrônica, massificada e quase imediata. Ao mesmo tempo, têm sistematicamente deixado de lado um de seus maiores diferenciais em relação às mídias eletrônicas: a reportagem. (BELO, 2006, p. 15).

Além dos autores já citados, essa pesquisa ainda recorre a Felipe Pena, que adota em seu *Jornalismo Literário* (2008) a sutil diferenciação entendida pelo

professor e pesquisador Rildo Cosson<sup>1</sup>. COSSON vê o livro-reportagem não como apenas uma extensão da prática jornalística diária, mas como um gênero independente e misto, que agrega "a força política do jornalismo com a força poética da literatura" (COSSON, 2002 *apud* PEREIRA, 2006, p. 2). Assim, PENA identifica o romance-reportagem como uma tendência do Jornalismo Literário, destacando semelhanças existentes entre esta vertente da profissão com aquele produto jornalístico: "Imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização" (PENA, 2008, p. 105).

## METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos já especificados, foi necessário traçar e definir alguns métodos de pesquisa. A base metodológica escolhida para esse trabalho é a de pesquisa qualitativa, por possibilitar maior aproximação e o contato direto do pesquisador com seu objeto de estudo, essencial ao "mergulho" necessário à elaboração de um livro-reportagem. Arilda Schimdt Godoy elenca quatro características básicas e necessárias à pesquisa qualitativa: o ambiente natural é fonte direta de dados e o pesquisador é instrumento essencial; o significado que os indivíduos dão às coisas é a principal preocupação do investigador; é descritiva; e utiliza o método indutivo (parte de premissas individuais para obter conclusões gerais).

Para que seja possível colocar essa metodologia em prática, na primeira etapa do trabalho, houve uma dedicação profunda à coleta de informações que permitiram um embasamento para sustentar todo o resto do processo. Para isso, os principais elementos utilizados foram as entrevistas realizadas com membros da comunidade judaica e a leitura intensa de bibliografia relacionada ao tema.

Outra meta foi visitar instituições judaicas – como sinagogas, escolas, organizações não-governamentais – para que esse aprofundamento fosse também baseado em vivência prática, não apenas na teoria. Esses processos de captação de fatos são possíveis na elaboração de um livro-reportagem, pois, ao contrário do

---

1 COSSON adota, ainda, outra nomenclatura, chamando os aqui referidos livros-reportagem de romances-reportagem. O que aconteceu para que essa diferenciação surgisse, de acordo com PEREIRA, é que nos últimos anos muitas reportagens publicadas no formato de livro passaram a ser chamadas de livro-reportagem, desta forma, abrangendo um campo mais amplo.

jornalismo periódico, possibilitam ao autor um envolvimento mais intenso com o tema, tomando mais tempo e recursos. Isso resulta em um trabalho que extrapola a superficialidade do jornalismo factual, entrando em aspectos mais densos do objeto da reportagem.

A segunda etapa do trabalho foi dedicada integralmente à produção teórica e à elaboração do livro-reportagem.

Por fim, a produção do livro-reportagem se deu através de pesquisa bibliográfica intensa, informações obtidas durante as entrevistas e conclusões advindas da pesquisa de campo.

Os procedimentos metodológicos e o planejamento do livro-reportagem são apresentados mais detalhadamente em capítulo próprio. O primeiro capítulo desse projeto teórico discorre sobre o lugar que a reportagem de fôlego ocupa no jornalismo atual, a história do livro-reportagem e o formato do jornalismo de perfil. Já no segundo capítulo, apresenta-se o contexto da cultura judaica em geral e, particularmente, em Curitiba, a partir do processo de imigração ocorrido no final do século XIX.

## 1. A REPORTAGEM EM FORMA DE LIVRO

### 1.1 ASPECTOS DA REPORTAGEM JORNALÍSTICA: POR EXCELÊNCIA, A GRANDE REPORTAGEM

O jornalismo é uma profissão que tem como matéria-prima os acontecimentos que, de acordo com certos critérios, são considerados relevantes a ponto de ganharem as páginas de jornais e revistas, as ondas de radiodifusão ou os periódicos online. Esses chamados critérios de noticiabilidade não são fixos ou universais. Apesar de existirem características que são comuns às notícias unanimemente e estão presentes no imaginário da profissão – como a proximidade, a atualidade, a novidade, a excentricidade, a negatividade, a imprevisibilidade e a notoriedade – a noção do valor-notícia<sup>2</sup> pode variar com o passar do tempo e também depende de decisões editoriais (SOUSA, 2001).

Na redação do jornal *Folha de S. Paulo*, por exemplo, busca-se a novidade e a relevância, como explicitado no seu Manual de Redação:

O que se busca é a notícia: o fato comprovado, relevante e novo. Quanto mais um fato puder gerar consequências para o mundo, para a sociedade ou para a maioria dos leitores, mais relevante ele é. Quanto mais inesperado, mais noticioso; quanto maior a força de quem está interessado em ocultá-lo, também. (FOLHA DE S. PAULO, 1996)

A notícia, de acordo com Edvaldo Pereira Lima (1998), é a forma de comunicação que, por condensar a reprodução de fatos sociais, é o instrumento básico para o relato jornalístico. Essas informações são usadas por cidadãos como apoio para que possam orientar-se em relação os acontecimentos da sociedade. Contudo, nem sempre é possível abranger o número ideal de nuances sobre determinado evento de forma breve.

---

2 “Podemos definir o conceito de noticiabilidade como conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’ (*‘newsworthiness’*).” (TRAQUINA, 2005, p. 63)

É dessa necessidade de expansão que a reportagem surge como forma de produção que pretende, a partir de um texto mais longo e aprofundado, compreender os aspectos que uma simples notícia deixaria de fora. Elementos como o contexto e o ambiente onde determinado fato se desenvolve, as causas que o geraram e as consequências que podem vir a decorrer deste são exemplos de informações que a reportagem permite que sejam apresentadas.

O que a reportagem busca é informar e aprofundar um tema com um texto escrito de maneira envolvente, de forma a satisfazer os diversos perfis presentes em meio ao público leitor. Por excelência, a reportagem em si é a própria grande reportagem, que é muitas vezes relegada somente a cadernos especiais ou publicações específicas (LIMA, 1998).

Porém, é consenso entre diversos autores que, hoje em dia, a maioria dos veículos abre pouco espaço para a grande reportagem. Muitas vezes, se atêm ao formato do *lead* (o primeiro parágrafo da notícia no qual devem estar resumidos os principais aspectos do texto, geralmente através dos elementos o que, quem, quando, como e onde) e da pirâmide invertida (descrição dos fatos em ordem decrescente de importância) de forma tão viciada, que chega a prejudicar o desenvolvimento do texto em si. Esse formato da notícia mais seca e direta, no entanto, é uma prática que se estabeleceu em países como os Estados Unidos e, a partir deste, foi adotado no Brasil. Na Europa, o jornalismo se dá de forma mais autoral e interpretativa (BELO, 2006).

Essa diferenciação na prática da profissão tem raízes históricas. No Velho Continente, os jornais eram uma atividade política e intelectual, carregando em suas páginas vários artigos, ensaios, editoriais e até mesmo literatura. O jornalismo praticado na Europa tem suas raízes em atividades político-partidárias e da preocupação do governo em empregar a televisão e o rádio na atividade educacional. Diferentemente deste, o modelo norte-americano, que se estabelece no Brasil em meados do século XX, segue uma linha empresarial (BELO, 2006).

Devido a essa forma de produção, o que se tem no jornalismo diário brasileiro hoje em dia é a necessidade de passar um grande número de informações diferentes em um espaço reduzido ou de um tempo curto. Para Lima, essa é uma demonstração da industrialização do fazer jornalístico:

Isso significa uma produção em massa, em que se tenta cobrir várias áreas diferentes da atividade social, com a maior velocidade possível e dentro de padrões rígidos que simplificam a coleta de informações e uniformizam a forma como se elaboram as mensagens. Tudo visando atingir o maior número possível de leitores, espectadores, ouvintes. (LIMA, 1998, p. 12)

O autor ainda aponta que, em contrapartida ao espaço cada vez menor destinado às notícias, o espaço publicitário cresce, o que pode ainda mais o lugar que os veículos têm disponível para reportagens mais aprofundadas (1993). Especialmente no caso dos jornais, isso ocorre devido à porcentagem que a publicidade representa no seu balanço financeiro, visto que a maior parte da receita destes vem de anúncios. Uma simulação feita por um instituto de pesquisa em Economia da Universidade de Amsterdã (*SEO Economisch Onderzoek*) aponta que, caso os jornais não contassem com os valores arrecadados com anúncios publicitários, o custo final seria duas vezes maior do que aquele que conta com a publicidade.<sup>3</sup>

De acordo com a professora da Universidade de São Paulo, Sheila Vieira de Camargo Grillo (2004), a prática de trazer a propaganda para as páginas dos jornais surge na Europa, no início do século XIX; esta se prova positiva trazendo equilíbrio orçamentário para os dois primeiros jornais a adotarem-na: o *Times*, na Inglaterra, e *La Presse*, na França.

Grillo ainda comenta o caso brasileiro:

No Brasil, as extensas páginas dedicadas à propaganda indicam a grande participação que as verbas publicitárias têm na receita dos grandes jornais brasileiros, e em especial na FSP e em OESP, nos quais integra cerca de 90% do orçamento. (GRILLO, 2004, p. 65)<sup>4</sup>

Outro fator que atrapalha a construção da mensagem jornalística é a simplificação, que escapa aos limites da concisão e da objetividade e beira à insuficiência informativa. Ao usar artifícios como o *lead*, por exemplo, é possível que se acabe fugindo à verdade, pois a redução excessiva faz com que cada acontecimento seja “dilapidado” aos poucos. Ao focar nessa fórmula fechada, o que

---

3 *SEO Economisch Onderzoek – University of Amsterdam, Het Economische Belang van Reclame*, 2006.

4 Com as siglas “FSP” e “OESP” a autora se refere, respectivamente, aos jornais brasileiros de circulação nacional *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

vem em primeiro lugar são os aspectos materiais dos acontecimentos, perdendo, por várias vezes, “componentes sutis e subjacentes” que podem ser extremamente importantes para a compreensão do real (LIMA, 1998).

Pode-se noticiar, por exemplo, que um aluno entrou atirando com uma arma de fogo em uma sala de aula em uma determinada escola, de uma determinada cidade, em um horário específico, matando certo número de pessoas e deixando outras tantas feridas. Desta forma, se cumprem todos os elementos que são propostos para o *lead*. Porém, não significa que o acontecido se resuma a esses pontos. Quais motivos levaram o aluno a cometer o crime? Como é o ambiente escolar no qual os fatos ocorreram? E o ambiente familiar desse aluno, é um ambiente saudável? Onde ele teria conseguido a arma? Ele ganharia algo com isso? Qual o papel que a sociedade teve no crescimento desse aluno?

Essas são questões que fogem às fórmulas prontas e das quais dependem a profundidade e a veracidade da produção jornalística. Demandam tempo e dedicação na apuração e na produção do texto para que o trabalho realizado seja satisfatório e condizente com o que se espera de uma reportagem de qualidade. O problema é que o jornalismo praticado hoje nas redações se prende exageradamente ao factual, muitas vezes deixando de lado que “há *questões e situações* que contextualizam os acontecimentos, que antecedem sua eclosão no espaço social” (LIMA, 1998, p. 22, grifo do autor).

De acordo com o jornalista Eduardo Belo (2006), os jornais ainda são produzidos partindo do princípio de que são o principal meio de se obter informação, como acontecia quando surgiram a TV e o rádio. Isso, sendo que atualmente precisam enfrentar uma competição não só com a radiodifusão, mas também com a internet. Entretanto, o que os veículos impressos ainda possuem é “a aura de credibilidade e profundidade que os outros meios não têm” (BELO, 2006, p. 14). Tal credibilidade, entretanto, pode estar ameaçada pelo perigo de entrar no espaço no qual predominam o sensacionalismo e a leitura social baseada em estereótipos. Aliado a deslizes éticos da profissão, esse campo obscuro acaba criando o quadro atual de progressivo declínio desta credibilidade do jornalismo diante da sociedade (LIMA, 1998).

Os impasses já listados, quando se unem ao tempo reduzido para a captação das informações, são fatores suficientes para que o jornalismo praticado dentro das

redações atualmente perca adeptos que tenham paixão por esse método, que acabam procurando outras formas para exercer a profissão. Uma das opções que estes “desertores” do modo de produção comercial do jornalismo encontram é o livro-reportagem.

## 1.2 CARACTERÍSTICAS DO LIVRO REPORTAGEM E SEU PAPEL

Apesar de, no início do século XX, o jornalista norte-americano John Reed já estar produzindo obras marcantes quando se fala em reportagem em livro, como *Dez dias que abalaram o mundo* (1919), e do também norte-americano John Hersey provocar seu país no período pós-guerra com *Hiroshima* (1946)<sup>5</sup>, o Brasil só começou a se dedicar rotineiramente ao gênero entre as décadas de 1970 e 1980. Mesmo com o clássico *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, um relato jornalístico da Guerra de Canudos (1896-1897), e com alguns relatos dos bastidores da política do final dos anos 1970 <sup>6</sup>, é apenas com o final do século XX que os livros-reportagem realmente ganham força e espaço no país.

O livro-reportagem tem como característica agir como um complemento à imprensa cotidiana, ampliando o trabalho desta por penetrar campos que são mal explorados pela maioria dos periódicos. É um produto cultural contemporâneo que usa as técnicas e possui as características pertinentes ao jornalismo e, às vezes, incorpora técnicas usadas na História ou na Literatura como forma de enriquecer o texto e a qualidade da informação transmitida ao leitor através da grande reportagem. O livro-reportagem tem a capacidade de ampliar o poder de orientação e informação do jornalismo cotidiano, dando a possibilidade de o leitor se apoderar de uma compreensão bem mais vasta da contemporaneidade (LIMA, 1998).

Um estilo que está presente em um bom número de livros-reportagem é o do jornalismo literário. No Brasil, autores já classificaram o jornalismo literário como um

---

5 Originalmente, publicado em uma edição especial da revista *New Yorker* (1946), *Hiroshima* foi transformado em livro pouco tempo depois.

6 O cenário político é o que mais sofre mudanças nesse período da história brasileira. O período de 20 anos de ditadura militar no Brasil (1964-1984) e o processo de abertura política renderam publicações como *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira e o projeto posteriormente transformado em livro, *Brasil: nunca mais*, desenvolvido por D. Evaristo Arns e equipe.

período histórico (século XIX) no qual jornalistas assumiram também o papel de articulistas, editores, autores de folhetins e cronistas; como as críticas de obras literárias que são publicadas em jornais; como um fenômeno nascido do movimento do *New Journalism*<sup>7</sup>; e ainda como o jornalismo que é realizado através de biografias, livros-reportagem e ficção-jornalística (PENA, 2008).

*Notícia de um sequestro* (1996), livro do escritor Gabriel García Márquez que relata os sequestros realizados a mando do líder do narcotráfico da cidade colombiana de Medellín, Pablo Escobar, é um exemplo de reportagem escrita com base claramente literária. MÁRQUEZ até mesmo se permite relatar diálogos que não presenciou, supondo o que aconteceu com base nas entrevistas realizadas: um artifício emprestado da literatura que ele usa para enriquecer o texto.

– O remédio! O remédio!

Beatriz reconheceu a voz e o sangue gelou em suas veias, mas o fôlego deu para perguntar no mesmo tom.

– Que remédio? Que remédio?

– O da dona Maruja – gritou o caseiro.

Então ficou claro que ele queria o nome do remédio que Maruja tomava para a circulação.

– Vasotón – disse Beatriz. E em seguida, já refeita, perguntou. – E como está?

– Bem – disse o caseiro.

– Muito bem, obrigado.

– Você não – corrigiu Beatriz. – Ela.

– Ah, fique tranquila – disse o caseiro. – A dona Maruja está bem. (MÁRQUEZ, 1996, p. 191)

A definição de jornalismo literário utilizada nesse trabalho é a de Felipe Pena.

Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da metamorfose. (PENA, 2008, p. 28)

---

<sup>7</sup> O *New Journalism* foi um movimento surgido na década de 1960, nos Estados Unidos, que teve sua força baseada na insatisfação dos profissionais da imprensa com o formato “científico” de jornalismo realizado até então, expresso especialmente no *lead* e na objetividade exigida nos textos. Com seu manifesto escrito por Tom Wolfe em 1973, o Novo Jornalismo vinha para propor textos mais subjetivos, valendo-se de técnicas literárias para lhe conferir valor estético.

Assim, o jornalismo literário surge como um braço do periodismo tradicional, “temperado” com elementos da Literatura que afastam o texto do formato engessado que é normalmente praticado nas redações. Contudo, isso se dá sem que se confundam os limites entre ficção e verdade, buscando sempre uma “verossimilhança possível” e aliando informação e entretenimento. Nos Estados Unidos, a revista *The New Yorker* impulsionou o gênero, dando espaço para páginas e mais páginas de texto e publicando *Hiroshima* na íntegra em 1946; no Brasil, a vida breve da revista *Realidade* (1966 – 1976) foi significativa para que o jornalismo literário ganhasse as bancas do país e firmasse o estilo entre os profissionais. (PENA, 2008).

Os autores mais significativos para esse gênero jornalístico acabaram por se firmar no cenário da profissão justamente através dos romance-reportagem<sup>8</sup>. No cenário internacional se destacam os já citados John Reed e John Hersey, Truman Capote, autor de *A sangue frio* (2011); Joseph Mitchell, consagrado com *O segredo de Joe Gould* (1964); e Gay Talese, que marcou com *Fama e Anonimato* (2004). No Brasil, Fernando Morais é aclamado por diversas publicações biográficas como *Chatô, o Rei do Brasil* (1994) e *Olga* (1985); Caco Barcellos, com *Rota 66: A história da polícia que mata* (1994); Ruy Castro, que contou a história de um craque em *Estrela Solitária: Um brasileiro chamado Garrincha* (1995); e Gilberto Dimenstein, autor de *A guerra dos meninos* (1990).

Para que possa tomar o formato de um livro, a grande reportagem precisa tratar de temas que correspondam ao real – não apenas se ater a veracidade de uma ocasião concreta, mas também tomar o cuidado de não fugir a ideias vigentes, que podem ser mais duradouras do que as ocorrências sociais em si. Em *Abusado – O Dono do Morro Dona Marta* (2003), por exemplo, Caco Barcellos faz um excelente trabalho não apenas relatando a vida do traficante que protagoniza a história, mas também ao registrar comportamentos e pensamentos que são arraigados à vida na favela.

A sustentação do livro-reportagem como produto jornalístico exige uma imersão em personagens, fatos e situações. O assunto abordado deve aceitar esse

---

<sup>8</sup> Romance-reportagem é a nomenclatura adotada por Felipe Pena em sua obra *Jornalismo Literário* para se referir aos aqui chamados livro-reportagem. Truman Capote criou, para definir seu próprio livro, *A Sangue Frio* (2011), o termo “romance de não-ficção” e também são adotados literatura de realidade, jornalismo narrativo, entre outros.

tipo de mergulho, possibilitando ao autor traçar as diversas nuances do qual esse é composto. Assim como no jornalismo diário, os temas que podem ser escolhidos são os mais diversos possíveis. Capote transformou, depois de seis anos de trabalho, uma pequena nota que tinha chamado a sua atenção no jornal *The New York Times* na obra mais famosa de sua carreira e em um marco do jornalismo literário<sup>9</sup>.

Em uma rápida olhada nas estantes de boas livrarias é possível encontrar a história de crimes marcantes, times de futebol, cidades, culturas, biografias, perfis: tudo isso no formato de romance-reportagem. Porém, por mais díspares que sejam os objetos tratados nesses produtos, eles têm em comum o largo aprofundamento no tema. É um trabalho longo, que exige tempo e dedicação daquele que se propõe a realizá-lo.

O assunto escolhido para um livro-reportagem deve possibilitar a expansão necessária ao desenvolvimento de uma narrativa longa. LIMA (1998) explica que esse assunto é o núcleo de um conjunto de esferas concêntricas de tamanhos diversos, que representam as extensões desse fato que desperta o interesse do jornalista:

Em torno, na primeira esfera, está o espaço geográfico imediato dessa ocorrência. Numa segunda esfera, maior, encontra-se um fato secundário e um espaço geográfico adicional relacionado ao acontecimento central. Numa terceira, mais afastada da primeira, estão os efeitos, as repercussões mais importantes. Na quarta está o espaço psicológico extra, mais sutil, onde o acontecimento da primeira esfera também provoca ressonância. (LIMA, 1998, pg. 30)

Precisamente em função de sua extensão e volume de dados recolhidos, é recomendável que seja elaborada uma pauta ou roteiro a ser seguido. Ele deve conter uma previsão do que será buscado – incluindo as suas subdivisões e a possível extensão que o livro terá –, servindo como um guia para o autor e ajudando-o a se ater ao seu objetivo original e não se perder em meio à pesquisa. (BELO, 2006)

Apurar e checar informações é indispensável a qualquer notícia. No caso das grandes reportagens, não apenas há mais tempo para checá-las como também

---

9 Informação apresentada por Matinas Suzuki Jr. no posfácio da edição de *A Sangue Frio* (2011) da Companhia das Letras.

existe espaço físico suficiente para contextualizá-las, dando forma à narrativa. Para BELO (2006), apurar é buscar a verdade e contextualizá-la:

A mídia brasileira contextualiza muito pouco hoje. É obrigação do livro-reportagem fazê-lo. [...] Mesmo nas melhores histórias, um livro-reportagem que se limite apenas à dimensão factual é sempre mais pobre do que aquele que vai mais fundo na busca de causas e consequências. (BELO, 2006, pg. 88)

Essas informações serão obtidas por meio de várias entrevistas e pesquisa documental intensa, além da própria observação do pesquisador, alcançada a partir da aproximação com o tema tratado, os problemas relacionados a ele e a comunidade que o cerca. É comum que os agradecimentos dos escritores de livros-reportagem tragam vários nomes, tanto de fontes quanto de pessoas que auxiliaram na reunião dos documentos necessários à realização do projeto. Isto demonstra o imenso volume de informações com que o profissional lida quando realiza esse trabalho e enfatiza a importância destas.

Outro fator a ser considerado é o formato que o livro terá. Edvaldo Pereira Lima (2004) classificou, de acordo com os objetivos e a natureza do tema abordado, os livros-reportagem em 13 possíveis vertentes:

a) Livro-reportagem-perfil: aborda o lado humano de um ou mais personagens, públicos ou anônimos, de forma que estejam sempre no centro da narrativa;

b) Livro-reportagem-depoimento: reconstitui um ou mais acontecimentos a partir da visão de um personagem;

c) Livro-reportagem-retrato: se aprofunda em uma região geográfica, uma instituição ou setor da sociedade, elucidando os mecanismos de funcionamento, os problemas e a complexidade do objeto estudado;

d) Livro-reportagem-ciência: contextualiza e divulga descobertas científicas, muitas vezes propondo reflexões sobre o tema;

e) Livro-reportagem-ambiente: trata de causas ecológicas e com frequência pretende conscientizar sobre a importância da harmonia entre homem e natureza;

f) Livro-reportagem-história: focaliza temas de um passado recente ou distante;

g) Livro-reportagem-nova consciência: fala sobre novos movimentos e correntes comportamentais, econômicas, culturais e sociais;

h) Livro-reportagem-instantâneo: aborda temas atuais recém-concluídos;

i) Livro-reportagem-atualidade: discorre sobre um tema recente, mas que seja abrangente e perene;

j) Livro-reportagem-antologia: reúne reportagens que tenham um ponto comum, como serem do mesmo autor ou de autores diferentes, mas sobre o mesmo tema;

l) Livro-reportagem-denúncia: apresenta propósito investigativo;

m) Livro-reportagem-ensaio: tem presença marcante do autor e de suas opiniões, frequentemente utilizando o foco narrativo na primeira pessoa;

n) Livro-reportagem-viagem: toma uma viagem como ponto de partida para retratar o quadro sociológico, histórico e humano de determinado local.

É importante destacar, porém, que esta classificação não pretende ser engessada ou definitiva, pois permite que um livro traga em si mais de uma das variantes propostas pelo autor.

Esse trabalho é elaborado na forma de livro-reportagem-perfil, portanto os conceitos e características dessa modalidade jornalística são apresentados a seguir.

## 2.1 PERFIL: JORNALISMO DE PERSONAGENS

Chamado de arte pelo respeitado pesquisador Sergio Vilas Boas, o perfil jornalístico traz um único personagem em evidência, de onde é possível absorver – pelo do modo com o qual este se conecta a fatores importantes do seu convívio e formula sua concepção da realidade – informações da época e de comportamentos vigentes na sociedade. Porém, apesar de ser um retrato biográfico, o perfil não é uma biografia. VILAS BOAS (2008) define a biografia como uma obra composta por diversos detalhes biográficos, como episódios, convivas, pertences, feitos e é esse

conjunto de acontecimentos que um biógrafo compila em sua obra. O perfil, por outro lado, se atém apenas a alguns aspectos do personagem central.

Não há data definida para o surgimento desse gênero, mas se têm registros ocasionais de perfis em periódicos há mais de um século. Porém, foi apenas a partir da década de 1930 que jornais e revistas começaram a investir verdadeiramente em perfis, retratando, a princípio, indivíduos que estavam em evidência no mundo das artes, dos negócios, dos esportes, da política. Era esperado que fosse retratado o comportamento, a fase atual, a visão de mundo e alguns fatos da vida do perfilado para que o momento de destaque pelo qual estava passando fizesse parte de um contexto mais amplo. (VILAS BOAS, 2008).

Deste período em diante, o estilo narrativo se firma em revistas americanas como *Esquire*, *Vanity Fair*, *The New Yorker*, entre outras, que fazem do perfil sua característica mais forte. No Brasil, *O Cruzeiro* e *Realidade*<sup>10</sup> também o adotam em suas épocas áureas – abrangendo desde os anos 1950 até o final dos anos 1960 – e hoje a revista *Piauí*, publicação mensal de jornalismo literário, também traz perfis de qualidade. Até hoje a *The New Yorker* reserva um espaço nas suas edições para perfis e “ficou com o crédito de ‘principal difusora’” (VILAS BOAS, 2008). Além disso, a revista ainda publicou *O Professor Gaivota* (1942) e *O segredo de Joe Gould* (1964), dois textos sobre um mendigo letrado que consagraram Joseph Mitchell como um dos grandes nomes do jornalismo de personagem<sup>11</sup>.

Diversos autores já se dedicaram ao trabalho de buscar uma definição para o que vem a ser o perfil:

Steve Weinberg os chama de biografia de curta duração (*short-term biography*); Oswaldo Coimbra, de “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”; Muniz Sodré & Maria Helena Ferrari acham que deve ser chamado de perfil o texto que enfoca o protagonista de uma história (a de sua própria vida), e de miniperfil o texto descritivo de uma personagem secundária inserido no momento em que ocorre uma interrupção ou um corte da narrativa principal. (VILAS BOAS, 2003, pg. 16)

---

10 A revista *O Cruzeiro* começou a ser publicada em 1928 e encerrou sua produção em 1975. A década de 1950 é considerada sua “época áurea”. Já a revista *Realidade* foi lançada em 1966 e circulou até 1976. Seus primeiros anos, de 1966 a 1968, são considerados sua “época áurea”.

11 Ambos foram compilados no livro *O segredo de Joe Gould*, publicado em 1965. O livro ganhou adaptação cinematográfica em 2000 sob o mesmo título.

VILAS BOAS (2003) classifica o perfil como uma narrativa de texto curto e de breve duração cronológica no que se diz respeito a certas informações e interpretações do repórter. Acrescenta que é um trabalho que possui natureza autoral, destacando a importância da visão do repórter sobre o entrevistado e a realidade que os cerca. Por esta razão, o perfil se distancia e rompe com o formato dos já citados *lead* e pirâmide invertida, valorizando o envolvimento do artista com o personagem nos processos de criação. Memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos são elementos essenciais a esse tipo de trabalho.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), por outro lado, classificam o perfil como a descrição do personagem principal de uma história. Quando se fala em reportagem, os autores destacam três arquétipos de personagem: o indivíduo, o personagem tipo e o personagem caricatura. No primeiro caso, o que se destaca é o psicológico, o que torna o perfilado interessante é o seu comportamento perante a vida; no segundo, a ênfase está no que torna aquela pessoa célebre, seja dinheiro, habilidade, beleza ou qualquer outro atributo de sua profissão ou classe; já o terceiro tipo de personagem ganha o perfil por ser bizarro, estranho, ter atitudes espalhafatosas ou mirabolantes.

Quanto à composição da narrativa, Edvaldo Pereira Lima difundiu o método, emprestado da mitologia, da “Jornada do Herói” no meio jornalístico e Monica Martinez adaptou esse método, aplicando-o aos perfis. Essa jornada é composta por sete etapas: Cotidiano (protagonista apresentado em seu mundo comum); Chamado à aventura (momento em que o herói rompe com o habitual); Recusa do chamado (personagem hesita, aceita ou recusa o chamado); Testes (período de desafios e oportunidades); Internalização (herói reflete sobre o que aconteceu); Recompensa (meta inicial é alcançada); Retorno (volta ao cotidiano). (MARTINEZ, 2002)

Um importante papel cumprido pelo perfil é o de gerar empatias (VILAS BOAS, 2003). O jornalista precisa fugir da tentativa de retratar o seu entrevistado como algum tipo de divindade que não comete falhas e não hesita. Desta forma, o leitor se identifica com o texto, imagina o que sentiria se passasse pelas mesmas situações, se preocupa com o personagem.

Em função do envolvimento necessário e da delicadeza com que deve se tratar essa narrativa, é comum – senão essencial – ao autor que recorra ao jornalismo literário para a construção da matéria. PENA (2008) afirma que as

biografias – e, nesse caso, os perfis – são o campo do jornalismo literário no qual o personagem é o núcleo e toda ação que se desenvolve além dele seriam apenas “satélites”.

No caso do jornalismo convencional, o personagem é apresentado de modo abstrato. “Através de coisas, números, dados sociais, achando que essas características externas, objetivas, constituem uma pessoa” (LIMA, 2002, *apud* VILAS BOAS, 2003). A literatura é que vai conseguir tirar a figura humana desse patamar objetivo e inseri-la na subjetividade necessária a esse tipo de texto. “O perfil é um gênero jornalístico. Sem o literário, no entanto, o perfil não hipnotiza.” (VILAS BOAS, 2003)

Esse trabalho pode ser ainda mais profundo no caso de pessoas extremamente significativas, que merecem algo maior que o perfil pode alcançar. No caso, por exemplo, do aniversário de 70 anos de Caetano Veloso ou do assassinato de John Lennon, as narrativas pedem por algo além do perfil, que acaba envolvendo vários tipos de publicações (artigos, crônicas, entrevistas). De acordo com Sodré e Ferrari, esse quadro maior forma uma grande reportagem a respeito do personagem. “Aliás, um *multiperfil*, na medida em que vários são os narradores e um só é o objeto de narração.” (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 139, grifo dos autores)

Em contrapartida, os *miniperfis* podem estar presentes em qualquer reportagem que dê atenção a fatos e dados, tendo o personagem como secundário. Existe, então, a interrupção do relato para dar espaço aos personagens, sob forma de uma entrevista curta ou narrativa. (FERRARI; SODRÉ, 1986)

Ir além dos relatos do personagem e daqueles que o conhecem e fazer uma pesquisa histórica e bibliográfica também faz parte do processo de produção de um bom texto e não o transforma em algo seco ou frio. “[Investigar] é também penetrar fundo na alma de um personagem, conhecer seus hábitos, sua cultura ou retratar com minúcias o modo de vida de uma época.” (BELO, 2006)

Caso excepcional e referência em todo o mundo quando o quesito é a pequena narrativa biográfica, *Frank Sinatra está resfriado* é um exemplo da literatura usada com maestria na construção do retrato do músico e um dos símbolos mais fortes do *New Journalism*. Encontrado até hoje no website da revista *Esquire*, o texto foi produzido por Gay Talese em 1966, ano em que visitou Los Angeles

especialmente para tentar um encontro com o ator. Depois de várias tentativas infrutíferas de entrevistar Sinatra, Talese permaneceu na cidade e conversou com pessoas próximas ao artista – amigos, colegas, familiares – além de, sempre que possível, observar o músico nas suas aparições públicas.

O resultado foi um texto que, no original, em inglês, tem mais de 15 mil palavras e ocupou todas as páginas da edição da *Esquire* de abril daquele ano. Já no primeiro parágrafo é possível perceber o tom que Talese dá ao texto, utilizando elementos do cenário para compor a personalidade do perfilado:

Frank Sinatra, segurando um copo de *bourbon* numa mão e um cigarro na outra, estava num canto escuro do balcão entre duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas, que esperavam ouvir alguma palavra dele. Mas ele não dizia nada; passara boa parte da noite calado; só que agora, naquele clube particular em Beverly Hills, parecia ainda mais distante, fitando, através da fumaça e da meia-luz, um largo salão depois do balcão, onde dezenas de jovens casais se espremiavam em volta de pequenas mesas ou dançavam no meio da pista ao som trepidante do *folk rock* que vinha do estéreo. As duas loiras sabiam, como também sabiam os quatro amigos de Sinatra que estavam por perto, que não era uma boa ideia forçar uma conversa com ele quando ele mergulhava num silêncio noturno, uma disposição nada rara em Sinatra naquela primeira semana de novembro, um mês antes de seu quinquagésimo aniversário. (TALESE, 2004, pg. 257, grifo nosso)

Referimo-nos a esse texto como “caso excepcional” não apenas pela qualidade do trabalho, mas também pelas condições em que foi construído. A situação da ausência de entrevista sem dúvidas é extrema, mas o jornalista que pretende escrever um perfil pode se deparar com outras dificuldades. VILAS BOAS (2003) lista várias delas: por mais que o entrevistador tente facilitar a interação, o encontro com a fonte de informação pode se resumir a um diálogo pouco empolgante; pouco tempo para digerir as percepções, fazendo com que ideias interessantes acabem escapando ao processo de escrita; espaço reduzido para a publicação; é preciso esquecer a performance do personagem no momento da entrevista, atentando ao que a pessoa tem a dizer; o estímulo à invasão de privacidade; preconceito ou ignorância em relação ao personagem; choque de interesses; a crença na genialidade inata.

Não há uma fórmula mágica para a solução destes impasses. No primeiro problema apontado pelo autor, por exemplo, há três saídas possíveis: “desistir da matéria, tentar marcar novo encontro ou se virar com o que tem.” (VILAS BOAS,

2003) Tanto essa quanto às outras opções – como fugir ao choque de interesses criticando, mas sem ofender, ou destacar os processos que levaram o personagem a ser considerado um “gênio”, ao invés de pressupor que foi algo instantâneo – se referem especialmente ao modo que se produz o texto e à postura do jornalista na conversa. Está intrínseco que, quando a proposta é produzir um “texto para guardar”, o cuidado na escrita é tão importante quanto ter a preparação adequada para o momento da entrevista.

A situação do encontro com o jornalista não é algo automático; requer um contato prévio para a explicação do motivo da entrevista e para que os arranjos que possibilitem o encontro sejam feitos. Por esta razão, o autor deve estar preparado para encontrar alguém que pode não estar no seu estado natural ou espontâneo, alguém que pode estar vestindo uma máscara que representa as suas projeções sobre si mesmo. É possível encontrar com alguém que tente passar uma imagem de timidez, por exemplo, para fugir de sua extravagância. VILAS BOAS compara o momento mostrado nas reportagens biográficas com aqueles mostrados em retratos criados por artistas plásticos. “Os perfis também só podem elucidar, indagar, apreciar a vida num dado instante. São mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós.” (2003, pg. 20)

Na construção deste tipo de narrativa ainda é possível trabalhar com o conjunto de ações que é atribuída ao personagem central: o que ela diz a seu respeito, a respeito dos outros, das situações que a cercam e o que os outros dizem dela. Eventualmente, certas características que são demonstradas durante o encontro com o escritor são apenas parte de uma fase emocional pela qual o sujeito está passando, sempre havendo a possibilidade de se atingir conclusões errôneas baseadas em interpretações precipitadas sobre as ideias e atitudes da pessoa. O trecho abaixo foi extraído de *O Batista abriu um bar*, perfil do poeta Batista do Pilar escrito pelo jornalista José Carlos Fernandes<sup>12</sup>:

Arrumou um quarto para morar, na Paula Gomes, “com fogão e cama”, e saiu pimpão pela cidade vendendo camisetas, agendas e seus livros: tem cinco obras publicadas. Final feliz. Das práticas éticas, conserva apenas uma Malzbier no almoço e outra no jantar, para fins terapêuticos: “Levanta o véio”, recomenda o amado Batista, para bons entendedores.

---

12 Publicado no dia 22 de junho de 2012 na coluna semanal do autor no jornal Gazeta do Povo.

Aos que temem recaídas do Pilar diante de uísques e vinhos à venda no minúsculo “Bartista” – seu estabelecimento no Alto da Alameda Cabral –, avisa que não vai dormir com o inimigo, de jeito nenhum. Tem contas a pagar. Só em aluguéis são cerca de R\$ 1,2 mil por mês. Além do mais, aos 52 anos está ocupado em declamar, sua paixão confessa. Só que, por força do destino, poesia, para ele, rima com bar. (FERNANDES, 2012)

O autor usa de sutilezas literárias para ilustrar como o personagem que acabou de abrir um botequim lida com problemas com a bebida (“conserva apenas uma Malzbier no almoço e outra no jantar”) e ilustra com dados que Pilar tem outras responsabilidades agora (“Só em aluguéis são cerca de R\$ 1,2 mil por mês”). É possível que tantos meses depois da elaboração desse texto a situação já não seja essa retratada, mas nem por isso perde o seu valor, já que o jornalista cumpriu o papel de produzir um texto atemporal e que gera empatia no leitor.

Ainda que existam exceções, em um quadro geral do jornalismo brasileiro, VILAS BOAS (2003) destaca vários impasses sérios – entre eles a desvalorização do texto enriquecido com elementos literários no jornalismo tradicional, a falta de recursos (tempo, espaço e verba) para a produção de reportagens especiais e a redução drástica no quadro de jornalistas das redações. Para ele, as matérias de personagens deixaram de desvendar “a pessoa por trás do mito”, para mostrar apenas intrigas de bastidores ou “caricaturar gente bonita que ‘passa’ na TV”. (pg. 29)

O pesquisador ainda aponta o desperdício de boas oportunidades de observação, característica complexa, mas essencial para a produção de um bom perfil. Observar não somente através da visão, como também usar os outros sentidos para enxergar a beleza no cotidiano e nas sutilezas da vida. Além disso, é imprescindível ao jornalista captar formas de comunicação não-verbal, que muitas vezes deixam transparecer características do perfilado, e com elas traçar um caminho de pistas para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões sobre o personagem. (VILAS BOAS, 2003)

## 2. PANORAMA DOS JUDEUS NO MUNDO

### 2.1 IDENTIDADE, PERSEGUIÇÕES E IMIGRAÇÕES

A primeira e, de certa forma, maior dificuldade encontrada ao procurar traçar um retrato do estabelecimento dos judeus em vários pontos do globo é a definição de sua identidade. Apesar de, por meio de documentos religiosos como a Bíblia, por exemplo, ser possível definir a gênese da religião judaica, atualmente as fronteiras que delimitam quem pertence ou não a esse grupo vão muito além da união sob uma mesma fé.

Com uma história que se estende por mais de quatro mil anos, sob o judaísmo<sup>13</sup> se enquadram indivíduos que já foram conhecidos como hebreus, israelitas e judeus.

*Hebreus* refere-se primordialmente aos mais antigos ancestrais, Abraão, Isaac e Jacob. Jacob foi também chamado Israel, e *filhos de Israel* ou *israelitas* diz respeito aos seus descendentes, os quais compreendiam doze tribos. A tribo que se proclamava descendente do quarto filho de Jacob, Judá, deu seu nome a um reino cuja capital era Jerusalém e, mais tarde, sob o domínio persa, grego e romano, à província da Judéia. Daí *judeus*, os habitantes da Judéia e seus descendentes, assim como aqueles que juntaram-se a eles como conversos. (GOLDBERG e RAYNER, 1989, pg. 11, grifo dos autores)

Porém, ao classificar um povo, geralmente são buscadas, além do elo religioso, ligações étnicas, de língua ou de nacionalidade. Ainda no caso específico dos judeus, há uma espécie de mito corriqueiro que sugere que eles tenham uma aptidão natural para o comércio, embora o mesmo se aplique aos turcos e árabes. Contudo, nenhuma destas características é o suficiente para enquadrar a comunidade judaica mundial, especialmente após a sua dispersão pelo mundo – conhecida como Diáspora<sup>14</sup>, que aconteceu no início da Era Cristã, aproximadamente 70 d. C.–, de forma absoluta. (COMAS, 1970)

---

13 “Judaísmo é a religião – e, num sentido mais amplo, a cultura – de um único povo, o qual, no decorrer de sua história de mais de quatro mil anos, foi variadamente conhecido como hebreu, israelita e judeu” (GOLDBERG e RAYNER, 1989, pg. 11)

14 Nesse momento da história, a Jerusalém foi destruída pelas forças romanas e os judeus foram obrigados a se espalhar para que sobrevivessem. “No ano 70 foi quebrada a existência político-nacional do povo judaico. A terra de Israel ficou deserta. Jerusalém em ruínas e o templo um monte de cinzas. A luz desaparecera da Cidade Santa. Roma tinha decidido alcançar a vitória completa. Os

Em uma dissertação de mestrado pioneira, Regina Rotenberg Gouvêa (1980) explica o porquê desta inequação. O argumento a respeito do comércio, por exemplo, se desmontaria no fato de que, por terem sido proibidos ao longo de vários anos de trabalhar com a terra ou em funções estatais<sup>15</sup>, essa condição passaria longe de ser natural, mas, ao contrário, seria imposta por fatores externos.

Também é impossível encaixar todos os judeus sob o laço religioso, já que existem judeus que se declaram ateus e ainda assim continuam fazendo parte da comunidade. Famosos pensadores contemporâneos fazem parte do judaísmo ateu, como Sigmund Freud, Karl Marx, Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Características raciais também são insuficientes, como observa Juan Comas (1970). Em consequência da enorme variedade de elementos físicos existentes entre os que se consideram membros dessa comunidade, quando se analisam a pigmentação dos olhos, dos cabelos, da pele; o formato do nariz e dos lábios e até mesmo os tipos sanguíneos, é impossível encontrar um denominador que os caracterize numa mesma raça. Como passou com sucessivas migrações, o grau de mestiçagem é alto e se pode considerar que esse grupo tenha traços os mais diversos.

O povo judeu é racialmente heterogêneo; suas constantes migrações e suas relações – voluntárias ou não – com as mais diversas nações e povos originaram um grau de mestiçagem que fez com que possamos encontrar *no chamado povo de Israel exemplos dos traços característicos de todos os povos*. (COMAS, 1970, pg. 37, grifo do autor)

Além disso, entra aí a polêmica questão da nacionalidade do povo judeu, entrelaçada com a história de guerras pelo domínio do território da Palestina. GOUVÊA usa Jean Paul Sartre para explicar que, ainda que este local seja considerado o berço nacional dos judeus, a comunidade que existiu ali em épocas remotas se dissolveu ao longo de 25 séculos e o sentimento de nacionalidade passou a ser substituído pela “espiritualização de vínculos coletivos” por intermédio da religião. “E espiritualização significa, apesar de tudo, enfraquecimento.” (SARTRE apud GOUVÊA, 1980, pg. 27) Ao contrário de outros povos, que são caracterizados

---

poucos judeus que restaram do terrível holocausto deviam ser privados de qualquer possibilidade de se reunirem novamente. O povo judeu devia ser exterminado.” (RAFFALOVITCH, 1962)

15 Esse quadro só começou a mudar na Europa Ocidental após a Revolução Francesa. No caso da Europa Oriental, a situação só sofre uma alteração depois da Segunda Guerra Mundial.

pelo seu estado nacional – brasileiros, alemães, poloneses, canadenses –, mesmo após a fundação de Israel, em 1948, os judeus continuam não podendo ser classificados como pessoas que vivem em uma mesma área geográfica ou dela vieram.

Além de ser uma dificuldade para historiadores, sociólogos e outros estudiosos que se dedicam a analisar essa comunidade, a questão da identidade também é presente em meio aos seus membros. “Estudar a comunidade judaica exige penetrar na problemática questão da sua identidade. Este não é apenas um problema teórico, mas um problema com o qual as comunidades judaicas convivem cotidianamente.” (LOURENÇO NETO, 1998, pg. 224)

Assim sendo, como é possível definir quem é o povo judeu? Tânia Maria Baibich (2001) vai de encontro ao que expõe GOUVÊA (1980), afirmando que “ser membro de um grupo é o mesmo que se identificar e ser identificado pelos outros membros como tal.” (BAIBICH, 2001, pg. 128) Ao aceitar que pertence àquele grupo, o indivíduo estaria, então, acolhendo as características dele e, no caso em estudo, assumindo a sua “judeidade”.

Chama-se judeidade ao fato e à maneira de alguém se sentir ou ser judeu, independentemente do judaísmo. O sentimento de judeidade ou de identidade judaica é uma maneira de ele continuar a se pensar judeu no mundo moderno, a partir do fim do século XIX, mesmo sendo descrente, agnóstico, humanista, leigo ou ateu. Essa reivindicação de judeidade rejeita a ideia de pertencimento enunciada pela jurisprudência rabínica (*Halakha*, nascida da Torá<sup>16</sup>), que designa como judia qualquer pessoa convertida ao judaísmo nas condições exigidas pela lei religiosa. (ROUDINESCO & PLON apud BAIBICH, 2001, pg. 128)

Isaac Deustcher (1970) interpreta que a identidade judaica é, sobretudo, uma herança cultural. Esta, ainda que guarde alguma relação e que tenha raízes na religiosidade judaica, não é limitada por ela. Ainda que não haja um consenso sobre isso no seio da comunidade, essa é a abordagem que adotamos para o desenvolvimento deste trabalho sem, porém, tratar das dissidências que envolvem essa questão dentro da própria comunidade. Isso porque existem diversos grupos e

---

16 A *Torá* é o principal livro religioso do judaísmo, composta pelos primeiros livros do Antigo Testamento da bíblia cristã. “**Pentateuco** é uma palavra derivada do grego e significa “cinco livros”. Essa palavra é usada para indicar os cinco primeiros livros da Bíblia, isto é: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os judeus chamam essa parte da Bíblia com o nome de **Torá**, que significa **Lei**.” (BÍBLIA, 1990)

divisões entre os judeus do mundo todo, cada um com sua visão particular a respeito da questão da identidade:

Fazemos realmente a opção de seguir marcos delimitadores reivindicados pela comunidade que estudamos, afinal, esses marcos sempre têm uma dimensão autoproclamada. Sem, contudo, sublimar os problemas e conflitos que decorrem dessa reivindicação identitária. Ainda é importante lembrar que mesmo se obtivermos um conceito amplamente aceito de “judeu”, ele não encerraria as múltiplas subidentidades que existem no interior da comunidade. Algumas dessas subdivisões são definidas por questões regionais, como aquelas que identificam os *sefaradis* e *ashkenazis*<sup>17</sup>, mas existem também divisões culturais, ligadas aos usos do Hebraico ou ao uso do *Idish*<sup>18</sup>. (LOURENÇO NETO, 2008, pg. 225)

Contudo, para muitos assumir essa identidade representa também tomar para si um risco, já que ao longo da história do judaísmo podem ser encontradas inúmeras perseguições que fizeram com que esse povo acabasse se dispersando pelo globo. A princípio, doze tribos ocupavam Israel, além de dividir uma mesma crença, traçavam suas linhagens até um ancestral em comum, Abraão. Antes de receber esse nome, aquela região era chamada de Canaã e, mais tarde, assumiu o nome de Judéia. Eventualmente, essas doze tribos se uniram e formaram um reino cujo governante mais vitorioso e renomado governante foi Davi, que assumiu o trono no ano 1000 a.C. (WYLEN, 1995)

Porém, em 6 d.C., a dominação da Judéia pelo Império Romano trouxe consigo alguns períodos de tolerância, mas foi marcada de fato por uma clima de tensão antagônica. A ocupação das terras judaicas resultaram em diversas rebeliões, em especial em razão da propagação da divindade do Imperador Romano. (BARTON, 2001)

O domínio romano na época de Jesus não se restringia à religião, porém – o abuso físico e financeiro através de impostos exorbitantes serviram como propulsores de diversas revoltas e falhas tentativas de adquirir independência

---

17 *Sefaradis* e *ashkenazis* – ou *sefaradim* e *ashkenazim* – são dois grandes grupos entre os quais os judeus podem ser divididos de acordo com sua ascendência. Enquanto os *ashkenazim* são aqueles judeus que na Diáspora passaram a viver na Europa Central e Oriental, os *sefaradim* são os judeus que, expulsos da Espanha durante a Idade Média, partiram para países árabes e e da Península Ibérica. (SANCHEZ, 2007)

18 O termo *Idish* vem de *Jüdish*, que quer dizer “judaico” em alemão. Junto do hebraico, o *Idish* é a língua primordial para definir a identidade dos judeus. Esse “dialetto judeu-alemão” predomina entre os *ashkenazis*.

política de Roma. Apesar disso, o golpe final deu-se com o saque do Imperador Tito à Jerusalém, e a conseqüente destruição do Templo da cidade. (COOGAN, 2010)

Com isso, intensificam-se as perseguições naquela região, que obrigam os judeus a se espalharem por toda a Europa para tentar se estabelecer – o que acabaram conseguindo por certo tempo, até a chegada da Idade Média.

Ainda que possam ser guardadas diferenças regionais para as comunidades judaicas existentes neste continente, é seguro afirmar que durante a Alta Idade Média uma “economia monetária” se desenvolveu na Europa Ocidental. A Igreja Católica pregava que a agiotagem era algo moralmente sórdido, mas como os judeus não estavam submetidos à jurisdição da instituição, nada os impedia de suprir a grande necessidade de empréstimos: dispunham do ativo circulante e estavam gradativamente sendo excluídos das guildas de comerciantes, tomadas pelos cristãos. Isso, porém, apenas fortaleceu a hostilidade religiosa já dirigida ao povo judeu, que acabou, gradativamente, tendo seus bens tomados e sendo vítimas das cruzadas cristãs, especialmente as ocorridas em 1146 e 1189. (GOLDBERG e RAYNER, 1989)

Outro exemplo de violência contra os judeus na Europa medieval começou em 1286, quando o rabino Meir de Rotemburgo, líder de sua geração, foi preso na Alemanha ao não aceitar uma taxa especial – que faria dos judeus propriedade do imperador – e morreu na prisão. Cinco anos após sua morte, bandos atacaram, saqueando e destruindo, cerca de 140 comunidades judaicas. Conhecidos como massacres de Rindfleisch – nome do nobre que incitou a revolta –, eles foram os precursores de outras investidas violentas que posteriormente receberam o nome de *pogroms*, sendo que a mais grave foi a reação à peste negra. Possivelmente em função de seus maiores cuidados com higiene e de suas leis dietéticas<sup>19</sup>, os judeus sofreram menos com a doença que dizimou um terço da população da Europa. Com o surgimento de rumores que os israelitas estavam envenenando os poços para que os vizinhos perecessem, uma verdadeira carnificina se estendeu do sul da França à Alemanha Ocidental.

---

19 As leis dietéticas, ou *cashrut*, são baseadas na Torá e ditam o que os judeus podem ou não consumir. As leis mais comumente conhecidas dizem respeito à proibição do consumo de carne de porco e de misturar carne com leite. A comida adequada à *cashrut* dá-se o nome *kasher*, o que significa “próprio”.

O sofrimento dos judeus na Alta Idade Média foi como que um baixo relevo, plasmado na peste, guerra, colapso social, estagnação econômica, violência religiosa e morte corriqueira que afetaram toda a sociedade feudal europeia. Houve clérigos honrados e governantes de pulso que protegeram seus judeus. Mas, no geral, aos indefesos e economicamente vulneráveis judeus foi imputada uma imagem terrível: blasfemos da fé cristã; agiotas gananciosos; assassinos de crianças; envenenadores de água – os cúmplices do diabo. Mesmo naqueles países que haviam expulso os judeus, essa imagem maligna persistiria na mitologia popular, com penosas consequências nos séculos seguintes. (*Idem*, pg. 125)

A mais trágica dessas consequências recebeu uma nomenclatura própria. Holocausto (*Shoah*, em hebraico) foi o inimaginável massacre de seis milhões de judeus que se deu durante a Segunda Guerra Mundial. O que começou como uma série de políticas restritivas com a ascensão de Adolf Hitler ao poder, em 1933, em menos de uma década se transformou em um conflito mortal. Ao defender que os alemães caucasianos pertenceriam à raça ariana, o *Führer* gradativamente aplicou medidas que retiraram os que não faziam parte dessa suposta etnia do serviço público, de cargos de ensino e das profissões médica e legal.

Com a publicação das Leis de Nuremberg, em setembro de 1935, os judeus perderam o direito ao voto e ficavam proibidas as relações entre eles e arianos. Depois disso, centenas de milhares de judeus fogem da Alemanha à medida que as ações antissemitas<sup>20</sup> se multiplicavam por todo o território nacional e menos de quatro anos depois 300 mil judeus já tinham sido expulsos.

A invasão da Polônia por tropas alemãs em 1º de setembro de 1939 foi o estopim do conflito que duraria até 1945. Imediatamente após esse primeiro ataque, os judeus foram realocados para guetos, obrigados a usar uma estrela de Davi pregada à roupa e forçados a trabalhar em favor da guerra, muitos em campos de concentração. Em 1941, já se encontravam sob o domínio de Hitler aproximadamente 3,5 milhões de judeus e começava então o processo de aniquilamento desse povo.

A princípio, milhares eram levados para fora dos limites das cidades onde eram obrigados a cavar grandes buracos, a se despir e, em seguida, eram mortos a tiros. Posteriormente, com a construção de seis campos de extermínio em território polonês (Chelmno, Belzecm Sobibor, Majdanek, Treblinka e, o maior deles, Auschwitz), o processo acontecia em câmaras de gás.

---

20 “De acordo com Langmuit (1995, p. 311), em 1873 Wilhelm Marr inventou o termo antissemitismo para descrever a política em relação aos judeus baseada no racismo que ele e outros advogavam.” (BAIBICH, 2001, pg. 26)

Como a chegada da derrota militar parecia inevitável, foram colocados em funcionamento total também três campos na Alemanha – Dachau, Bergen-Belsen e Buchenwald – e intensificou-se o processo chamado pelo ditador alemão de a “solução final”. Conseqüentemente, estudos apontam que em 1945 restavam apenas 3,1 milhões de judeus na Europa, contrastando fortemente com os cerca de 9,2 milhões que antes habitavam o continente.<sup>21</sup>

Somando as feridas deixadas pela guerra à intensificação do sionismo – movimento surgido em 1897 que defende o direito à autodeterminação do povo judeu e à existência de um Estado nacional judaico – que já tinha acontecido na Europa por volta do século XIX, em uma votação na recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU), em novembro de 1947, a maioria decidiu que, como o Reino Unido não conseguia mais controlar os conflitos que ocorriam na região que na antiguidade foi conhecida como Canaã, deveria haver uma divisão das terras. Assim, deveriam ser criados: um estado judeu, um estado árabe e um *corpus separatum* sob administração internacional para a cidade de Jerusalém e proximidades. (SAIBA..., 2008)

Porém, esse mandato expedido pela ONU expirava em 14 de maio de 1948, data exata em que os britânicos se retiraram do local. Assim, no mesmo dia líderes da comunidade judaica se reuniram em um museu em Tel Aviv para um momento decisivo para a história de seu povo judeu: declaram o estabelecimento do Estado de Israel, um novo país. Longe de criar um consenso, a decisão deixou o conflito ainda mais acirrado e ele ainda não encontrou seu fim. (DELEGAÇÃO ESPECIAL PALESTINA NO BRASIL, 1999)

Não apenas no pós-guerra, nem somente com destino a Israel, mas também antes mesmo do início do século XX, os judeus saíram de suas terras de origem em busca uma vida melhor em outros lugares do planeta, fazendo com que todo esse período contasse com um grande fluxo migratório judaico. Em 1891, por exemplo, um grupo de banqueiros judeus criou a *Jewish Colonization Association* (ICA) que tinha o objetivo de ajudar na saída dos israelitas dos lugares onde sofressem perseguições. A maioria se dirigiu a Israel e aos Estados Unidos, mas um bom número também buscou a América Latina. (USSISHKIN, 2012)

---

21 Tânia Maria Baibich (2001) trata especialmente dos horrores que a Segunda Guerra Mundial causou ao povo judeu no primeiro capítulo de “Fronteiras da identidade: o auto-ódio tropical”, “O estrangeiro por excelência”.

De acordo com dados do *Jewish People Policy Planning Institute* de 2007, dos 13,15 milhões de judeus que vivem no mundo, aproximadamente 5,39 milhões deles residem em Israel e 5,27 milhões, nos Estados Unidos, somando 81,09% do total. Fora da América do Norte – o Canadá abrigaria cerca de 300 mil judeus –, a Argentina tem uma população aproximada de 184 mil judeus, sendo a maior concentração fora dos países já citados.

Vale destacar que no caso da específico do estabelecimento nos Estados Unidos, os judeus já possuem um destaque bem maior que o do restante da população norte-americana nos setores educacional e econômico. De acordo com o estudioso Paul Burstein (2007), do Departamento de Sociologia da Universidade de Washington, nos anos 1990, mais de 60% dos judeus tinham graduação universitária, contra 22% do restante dos americanos. Logo nos anos 1957-1958 42% dos judeus estavam em casa que tinham renda superior a US\$ 7.500, contra apenas 19% de toda a amostra estudada. O sociólogo justifica seus dados com base em uma lógica simples: como têm por tradição uma intensa dedicação aos estudos e dão extremo valor à educação, por consequência acabam tendo uma melhor formação e, assim, ocupando cargos mais altos e melhor remunerados dentro das empresas.

Voltando aos apontadores populacionais fora dos EUA, os indicativos do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, mostram que o Brasil vem logo em seguida, com mais de 107 mil habitantes que se consideram judeus. Destes, 3.184 vivem em Curitiba.

## 2.2 A IMIGRAÇÃO PARA CURITIBA

Quando se analisa o histórico das migrações dos judeus para o Brasil, não é difícil concluir porque eles se autodenominam “Povo do Livro”. De bibliografia extensa, os registros da chegada dos primeiros membros dessa comunidade remontam a 1500, segundo o IBGE, juntamente com a descoberta da nova terra pelos portugueses e outros acompanhantes de Pedro Álvares Cabral. Durante os primeiros quatro séculos de migrações, a comunidade israelita brasileira passou por

dificuldades de acomodação; presenciou o surgimento de discriminações antijudaicas; teve um breve ápice no fluxo migratório (1630 – 1654); chegou a sofrer perseguições promovidas pela Inquisição portuguesa; viu o número de imigrantes diminuir gradativamente, embora os judeus tenham assimilado profundamente a cultura local e serem totalmente igualizados em relação aos cristãos perante a lei. (SEREBRENICK, 1962)

Que se estendeu do século XVI até finais do século XIX, precedeu as grandes ondas migratórias que começam a se dar nesse período, indo até o início do século XX. De acordo com dados do censo de 1900, do total de 37.807 imigrantes no Brasil, 1.021 eram judeus e a comunidade judaica em todo Paraná era composta por apenas 17 membros. Apesar de Keila Grinberg (1971) debruçar-se sobre a história dos judeus aqui presentes à época colonial em *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*, GOUVÊA (1980) chega a desconsiderar esse grupo inicial como significativo para o seu estudo da comunidade judaica, por ser formado por muito poucos e pela presença de vários cristãos novos<sup>22</sup> dentre esses primeiros imigrantes. Para a autora, o cenário brasileiro à época não era favorável à instalação do povo israelita.

De qualquer forma, não era exatamente o Brasil rural e sem um comércio interno significativo que os judeus procuravam para fugir dos massacres (oficiais ou não) a que eram submetidos na Europa Oriental, principalmente a partir de 1881. Sua experiência era sobretudo urbana, mercantil, uma vez que até a Revolução Francesa, na Europa Ocidental, e até o fim da II Grande Guerra, na Europa Oriental, não podiam em geral possuir terras e trabalhar em funções estatais. (GOUVÊA, 1980, pg. 40)

Com isso, a maior parte dos imigrantes judeus que tinha como destino o continente americano, acabava indo para lugares como os Estados Unidos, Argentina e Canadá. Somente quando estes países enfrentam crises e criam políticas que restringem a entrada de imigrantes é que grandes levas de judeus começam a escolher o Brasil como sua nova casa. Especialmente no caso da Argentina, diversos judeus ucranianos e poloneses – assim como judeus alemães e austríacos que fugiam da ascensão do nazismo na década de 1930 – acabaram

---

22 Provenientes da Espanha e de Portugal, os cristãos novos eram judeus que foram obrigados a se converterem ao cristianismo por ordem dos governantes da Península Ibérica. Qualquer um que permanecesse judeu nesses países era considerado automaticamente um ilegal. (ROWLAND, 2010)

mudando sua rota do país de língua espanhola e se se instalando nas regiões mais desenvolvidas do Sul e Sudeste brasileiros.<sup>23</sup>

Quanto à chegada dos primeiros judeus em Curitiba, os primeiros registros são de 1889. Vindos da Galícia Austríaca em meio a outros imigrantes não-judeus daquela região, os cinco homens e três mulheres da família Flaks e os dois irmãos Rosenmann – sendo que um deles morreu de malária – se estabeleceram na colônia agrícola polonesa Tomás Coelho. À época recém-criada, a colônia ficava no local onde hoje se situa o parque Barigui, região da cidade escolhida porque o governo, antes mesmo da Proclamação da República, lançou um projeto que visava colonizar com imigrantes europeus as terras incultas nas adjacências das metrópoles e centros urbanos.

Em sociedade, abriram um armazém de secos e molhados para comercializar os gêneros agrícolas dos camponeses. Por serem úteis na intermediação entre o campo e a cidade e corretos em suas transações, ambos criaram um bom nome e eram respeitados como judeus.

Porém, em 1901, o crescimento dos filhos fez com que os Flaks retornassem à Europa para evitar que algum deles se casasse com não-judeus (depois de casados, os filhos retornaram a Curitiba). Na ocasião, Max Rosenmann deixa a colônia de Tomás Coelho e muda-se para a capital paranaense, onde abre um moinho a vapor. Já casado com Frida, a prometida que chegou ao Brasil com os pais dele, começou a desempenhar um papel relevante na vida pública.

A partir de então, o fluxo migratório de judeus para a região começou a se desenvolver em Curitiba. De modo geral, costumavam vir primeiro apenas os homens que, depois de algum tempo e já devidamente acomodados, chamavam noivas, esposas e outros parentes. Informalmente, a vida cultural e religiosa dessa comunidade eram celebrada na casa de Max Rosenmann.

---

23 Há uma interrupção nas migrações para o Brasil durante os anos de Estado Novo. Durante esse período do governo Getúlio Vargas a política externa se aproximava mais das nações do Eixo do que das Aliadas, ao mesmo tempo que a política interna era mais próxima da ditadura do que das democracias ocidentais. Principalmente a partir de 1937, as quotas de imigração começam a ser mais intensamente supervisionadas e as instituições de imigrantes passam a ser nacionalizadas – fazendo com que o português seja a língua exclusiva em escolas e conferências. Essa postura fez com que diminuíssem os fluxos migratórios de todas as nacionalidades e o ingresso no país só voltou a ser relaxado após o término da II Guerra Mundial, em 1945. (GOUVÊA, 1980)

Para os recém-imigrados a casa de Max Rosenmann tornara-se ponto de reunião. Casa acolhedora, hospitaleira, onde todos eram convidados à mesa, ali se reuniam com frequência, para entreter-se e trocar ideias sobre assuntos de interesse coletivo. Na véspera da Páscoa, fabricavam-se em casa de Rosenmann os “mazol”, ou pães ázimos, e nos Dias Solenes, celebravam-se ali os ofícios religiosos. (FALBEL, 2008, pg. 712)

De fato, Rosenmann foi o elemento congregador para a preservação da identidade étnica do grupo, organizando ao seu redor a prática das principais cerimônias do rito judaico, como o “Shabat”, o “Seder”, o “Yom Kipur” e o “Rosh Hashaná”<sup>24</sup>. Também cuidava da realização dos rituais referentes ao nascimento e à morte<sup>25</sup>. (GOUVÊA, 1980, pg. 46)

Essas práticas só seriam institucionalizadas a partir de 1913, com a fundação da União Israelita do Paraná. Formada por 12 famílias e mais 17 homens, solteiros ou que imigraram à princípio sem as esposas, junto das ações beneficentes, as atividades religiosas eram importantes para a instituição. Uma das primeiras ações do grupo foi mandar trazer de São Paulo os objetos necessários às rezas: um “Sefer Torá”, o Rolo da Lei, é uma pergaminho escrito à mão onde está contido o Pentateuco; o “Aron hakodesh”, a Arca Sagrada que contém os Rolos da Lei; o “Binah”, púlpito com o qual são conduzidos os ofícios religiosos; a “Menorah”, candelabro de sete braços; o “Ner tamid”, luz eterna que deve sempre permanecer acesa; o “Patochet”; cortina que cobre a Arca Sagrada; e, por fim, o “Shofar”, espécie de corneta feita de chifre de carneiro que é tocada durante as grandes festas judaicas. (GOUVÊA, 1980)

Apesar de novos imigrantes sempre serem convidados a também integrar a União, o fluxo imigratório é interrompido durante a I Guerra Mundial e muitos membros acabam partindo para grandes centros como São Paulo em busca de melhores oportunidades financeiras. Em paralelo, procurando ajudar as vítimas do conflito, nasce o Comitê de Socorro, e, para a prestação de assistência social, o Comitê Feminino. Além disso, com a intensificação do movimento sionista em escala global, em 1917 é fundada a Shelon Sion, organização voltada para esta questão. Com isso, a União Israelita não é mais o único órgão responsável pela organização dos assuntos que dizem respeito à comunidade.

---

24 “Shabat” é o dia do descanso, sétimo dia da semana, que começa ao entardecer de sexta-feira. “Seder” é a páscoa judaica, na qual se celebra a saída dos judeus do Egito. “Yom Kipur” é o dia da expiação ou dia do perdão. E, por fim, o “Rosh Hashaná” é a festa do ano novo judaico. (KERTZER, 2012)

25 Chamada de “Brith milá” (do hebraico: “brith”, que significa “pacto” e “milá”, “circuncisão”), é a tradição de circuncisar os meninos recém-nascidos. O ritual teve origem com Abraão, que teria feito um pacto com Deus através dessa prática. É o ato de iniciação à religião. (*Idem*)

Em razão dessa dispersão, em 1920 a comunidade começa a tomar a forma que tem hoje, com a centralização desses grupos que se fundem para constituir o Centro Israelita do Paraná (CIP). Com departamentos específicos, é mantida a autonomia de cada um dos setores que antes eram individualizados. Como complemento, à mesma época acontece um grande aumento no fluxos migratórios, tanto pela melhoria na economia nacional quanto pela intensificação do sentimento antissemita na Europa, em especial na Alemanha, Polônia e Áustria.

Esse desenvolvimento também atinge Curitiba, o que dá a brecha para o surgimento de dois locais importantes: a escola e o cemitério israelitas. Em ambas as instituições, o papel do imigrante Salomão Guelmann foi essencial. Eleito presidente do CIP em 1922, arrecadou fundos e se empenhou em uma querela com o prefeito de Curitiba à época, João Moreira Garcez, para a fundação do cemitério israelita – a justificativa do prefeito para não ceder era de que os judeus também poderiam ser enterrados no cemitério municipal, onde havia total liberdade de credo –, que se concretizou em 1926, num terreno no bairro Água Verde.<sup>26</sup> (BRONFMANN, 2006)

No caso da educação, depois de passar oito anos funcionando em um prédio alugado, em 1935 Guelmann pagou ele mesmo por um terreno na rua Lourenço Pinto, no centro da cidade, e, também com recursos próprios, equipou o estabelecimento para a fundação da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann, nome que mantém até hoje. Em convênio com o governo, a nova instituição passava a aceitar alunos não-judeus, situação diferente daquela que existia desde 1927.

A escola ficava próxima ao burburinho comercial que nasceu no Centro de Curitiba. Nas imediações da Rua Barão do Rio Branco, uma das mais importantes da capital paranaense, e também nas ruas Marechal Floriano, Alferes Poli e na Avenida Sete de Setembro se estabeleceram diversos comerciantes judeus. Dos recém-chegados da Europa, a maioria se dedicou, inicialmente, ao comércio ambulante. À medida que conseguiam economizar algum dinheiro, iam montando suas lojas e criando uma rede de comércio nessa região que, à época, fervilhava com a vida da comunidade judaica. (GOUVÊA, 1980)

---

26 Desde os tempos da Diáspora, se conserva a tradição de que os judeus devem ser enterrados com as plantas dos pés em direção à Terra Santa. Além disso, o caixão deve ser simples e igual para todos. A preparação dos corpos exige um longo ritual de purificação (taharat) e, ao final, é colocada no cadáver uma mortalha branca sem nós, para que, segundo a tradição mística, a alma possa ascender. (LAMM, 2013)

Por sua vez, o período seguinte à II Guerra Mundial marcou toda a sociedade curitibana por um aumento na sua qualidade de vida, assim como ocorreu com os judeus. Apesar de existir uma política de restrição à imigração e “nacionalização” da vida dos imigrantes no período do Estado Novo – o CIP precisou mudar de nome até 1955, passando a se chamar Centro Mosaico e se dedicando exclusivamente à religião – esse período possibilitou uma integração mais significativa da comunidade israelita ao restante da população de Curitiba. De acordo com Gouvêa (1980), isso ocorre, porém, sem uma descaracterização completa do grupo que passa apenas a ter práticas culturais e sociais menos distintas dos outros. Já o professor Sérgio Feldmann (2005) discorda dessa postura e vê não apenas esse, mas todo o processo de unificação social, como algo quase nocivo.

Já na pesquisa feita em meados da década de 1970, pela Regina Gouvêa (Z”L) que acima relatamos, percebia-se a tendência de centrifugação da comunidade. Centrifugar é fugir da sua comunidade e se integrar na sociedade global e se “abrasileirar”. Isso era necessário ou era talvez um objetivo na concepção dos membros da segunda e da terceira geração (filhos e netos de imigrantes). Poder ser cidadãos plenos do país, obter espaços na sociedade: estudar nas universidades, penetrar no mercado de trabalho, obter um status social melhor e um nível econômico de maior qualidade. Isso já foi obtido na segunda metade do século 20. [...] Porém foram vítimas da integração (a nível nacional) e da globalização (a nível internacional). Estudos diversos determinam que a grande crise do século 21 está sendo a da perda da identidade étnica e cultural, num mundo de múltiplas escolhas e diversidade cultural. As pessoas se tornaram “cidadãos do mundo” e se tornaram órfãs de si mesmas. (FELDMAN, 2005, pg. 3)

Com esse momento de parcial dispersão, a alternativa encontrada pela gestão do CIP foi projetar uma nova sede que funcionasse como um clube, agregando as atividades sociais e culturais às esportivas e de lazer. Isso acentua a tendência à especialização da instituição, já que a nova sede é construída em um terreno diferente do qual a sinagoga estava presente. (GOUVÊA, 1980)

Em 1971, o arquiteto Jaime Lerner se torna o primeiro judeu a ser prefeito de Curitiba. A posição ocupada por ele reflete muito do momento vivido pela comunidade judaica desde então: os filhos dos imigrantes, que em sua maioria já nasceram no Brasil, já são a segunda geração de seu povo a serem cidadãos curitibanos, perdendo a característica de estrangeiros e se fundindo à população local. Tanto é que o sucessor de Lerner na prefeitura é o engenheiro Saul Raiz,

também judeu, que permanece no cargo até 1979, quando o arquiteto volta ao cargo.

Em 1989, Jaime volta a ocupar a cadeira de prefeito da cidade, pela primeira vez eleito diretamente pela população e, ao longo de seus mandatos marcou a cidade por profundas reestruturações urbanísticas. Já em 1994 é eleito governador do estado do Paraná, posto que ocupa até 2002, pois é reeleito.

Simultaneamente ao primeiro mandato de Lerner como prefeito, outro membro da comunidade judaica, o farmacêutico Miguel Krigsner, funda a primeira farmácia de manipulação que daria origem ao grupo O Boticário. Hoje, a empresa é a maior rede de franquias em perfumaria e cosméticos do mundo. (BOTICÁRIO INSTITUCIONAL, 2013)

O nome de Salomão Soifer é outro que merece destaque. Começou a trabalhar aos oito anos, como carregador de malas na estação ferroviária e atualmente detém o Grupo Soifer, que, em 1983, criou o primeiro *shopping center* de Curitiba, o Shopping Mueller. Entre outros quatro centros de compras, têm participação nos mercados de logística, turismo, reciclagem e até mesmo hipismo. (SPAGNUOLO, 2011)

Esses são apenas alguns exemplos de casos de destaque na história da comunidade judaica curitibana que demonstram o quão integrada ao restante da população esta se tornou. Diferentemente de outros grupos de imigrantes, os judeus vêm para Curitiba para ficar, sem planos de retornar ao país de origem e, com isso, procura deixar suas marcas na história da nova terra. (GOUVÊA, 1980)

Duas destas marcas foram inauguradas em agosto de 2011. Tanto o Museu do Holocausto como a nova sinagoga Beit Yaacov, nas instalações do Centro Israelita. Fruto da doação de Krigsner, os dois prédios têm arquitetura moderna e o novo templo tem lugar para 600 pessoas. Já o Museu do Holocausto teve repercussão nacional, já que é o primeiro do gênero a ser construído no Brasil. Com tendências minimalistas, segundo informações fornecidas por Denise Weishof, coordenadora pedagógica do museu, o local já recebeu mais de 10 mil visitantes até o fevereiro de 2013.

### 3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Para o cumprimento daquilo a que se propõe essa pesquisa, dois procedimentos metodológicos foram centrais e essenciais. O primeiro deles foi uma revisão bibliográfica, que possibilitou diversas leituras construtivas e que foram a base para todo o restante do trabalho. Por sua característica fundadora, esse foi o passo inicial no processo de elaboração do livro-reportagem.

A segunda etapa teve como destaque as entrevistas jornalísticas realizadas com personagens do livro e outros membros da comunidade judaica que colaboraram com informações necessárias à construção do texto. Usando o conhecimento adquirido pelas referências bibliográficas como suporte, foi possível elaborar perguntas mais aprofundadas sobre cada um dos temas abordados.

O papel de cada uma dessas fases pode ser claramente observado em ambos os produtos finais desse trabalho. No primeiro caso, a fundamentação teórica para o livro-reportagem e para o gênero perfil são apresentados logo na abertura desse projeto, enquanto a contextualização histórica sobre o judaísmo vem logo em seguida.

Vale ressaltar que por documentos entendem-se periódicos (jornais, revistas, portais de notícias), obras literárias, diários, estatísticas e até mesmo itens iconográficos (fotografias, grafismos, filmes). Dentre estes, os mais utilizados em nossa pesquisa foram os jornais diários, revistas da comunidade judaica e livros. O auxílio imagético veio, em sua grande parte, apenas para auxiliar na formação de uma imagem mental das histórias que foram sendo ouvidas e descobertas.

GODOY (1995) classifica esse método documental em três outras subdivisões: a escolha dos documentos, o acesso a eles e sua análise. Neste caso, a classificação do material bibliográfico se deu usando da opinião de especialistas em ambas as áreas abordadas, o jornalismo e o judaísmo, da mesma forma que o acesso a esse conhecimento também foi facilitado por estes mediadores. Em casos de maiores dificuldades, recorreu-se até mesmo aos acervos pessoais desses colaboradores. Quanto à análise, processo trabalhoso e minucioso, foi realizada em dois momentos: antes de se aprofundar no estudo de cada um dos livros, uma leitura prévia era executada para que não houvesse energia desperdiçada com materiais que acabariam não sendo úteis ao produto final; em seguida, a leitura “paciente” era

combinada com diversas anotações comparativas para que o resultado fosse fruto de reflexão, não apenas um compilado de opiniões de autores diversos.

Essencial à produção de qualquer livro-reportagem, as entrevistas – principalmente no caso de um trabalho que trata de experiências pessoais dos entrevistados – tomaram grande parte do tempo destinado à produção deste projeto. Como possibilitaram exercer funções fundamentalmente jornalísticas como “a investigação sobre determinado fato, o esforço para compreensão de linguagem técnica e o relacionamento com as fontes de informação” (BOSI; SANTIN; LIMA; 2006, pg. 81), o real valor da entrevista vai além do conhecimento puro que se consegue com essa atividade, justamente por esse contato direto com a fonte.

Cremilda Medina (1995), enfatiza a importância do aspecto humano que essa prática possibilita.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes e outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. (MEDINA, 1995, p. 8)

Construído através de perfis de pessoas de relevância na comunidade judaica de Curitiba, esse trabalho se valeu muito significativamente desse diálogo proposto pela autora, procurando humanizar o texto final. Essa relação com o entrevistado acaba transparecendo durante a edição, enriquecendo o produto – já que este se propõe a ser uma experiência intimista e pessoal, além da especificidade jornalística.

O formato perfil foi escolhido por conferir características mais humanas do que um relato puramente jornalístico. Para tratar de temas tão pessoais como a fé ou os hábitos cotidianos de cada um dos entrevistados, enxergou-se neste gênero a melhor opção para alcançar os objetivos desejados.

Em busca de retratar como são a educação, a religião, a culinária, a marca deixada pelo Holocausto e também vida econômica e política da comunidade judaica de Curitiba, foram escolhidos cinco personagens a serem entrevistados. Os nomes de Denise Weishof, Pablo Berman, Thelma Mazer – filha de Sara Zugman, que já

faleceu mas é a personagem selecionada –, Bunia Finkiel e Jaime Lerner vieram de uma lista prévia que continha diversos outros nomes elaborada com a ajuda de um membro da comunidade, Tânia Maria Baibich, e depois refinada com a ajuda de outro membro, Sara Schulmann. Tanto Tânia como Sara auxiliaram no primeiro contato com as fontes – com a exceção de Jaime Lerner, cujo contato foi intermediado por Gerson Guelmann.

Apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, aos cinco anos Denise Weishof se muda para Curitiba e aqui passa praticamente toda sua vida. Só deixa a cidade nos quatro anos que morou em Israel, trabalhando e estudando o hebraico, as tradições e história judaica. Há mais de dez anos, Denise dá aulas relacionadas à cultura judaica na Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann.

Pablo Berman está, desde 2009, à frente da sinagoga de Curitiba. Argentino, o rabino passou por El Salvador antes de se radicar na capital paranaense, onde chegou sem saber uma palavra do português. Apaixonado por Israel, ele faz parte da corrente conservadora do judaísmo, vertente intermediária entre os ortodoxos e os liberais.

Bunia Finkiel nasceu na Polônia e só chegou ao Brasil depois de escapar da Segunda Guerra Mundial. Junto de outras onze pessoas, incluindo seus familiares, Bunia passou 495 dias vivendo em um esconderijo que não passava de um buraco no chão, onde só se conseguia ficar agachado.

Sara Zugman foi uma grande ativista dentro da comunidade judaica, trabalhando intensamente com ações beneficentes em prol de crianças, idosos e mulheres carentes. Além disso, comandava a cozinha de uma família tipicamente judia-curitibana, acrescentando elementos da culinária tradicional à gastronomia brasileira. Suas filhas lançaram um livro póstumo com todas as receitas que ela costumava preparar.

Como já citado, Jaime Lerner foi o primeiro prefeito judeu de Curitiba e seu trabalho na arquitetura é referência mundial.

Além das entrevistas realizadas com os perfilados, também foram realizadas conversas com outros membros da comunidade que ajudaram a entender tanto a estrutura quanto alguns dos costumes nela presentes, como foram os casos de Tânia Baibich e Sara Schulmann.

No caso específico do jornalismo de perfil, vale observar que o tipo de abordagem realizada com os personagens é bem semelhante ao adotado em

estudos de caso que envolvem uma história de vida. Assim como nesse método, foi traçada uma linha de questões a serem propostas ao entrevistado, mas com a flexibilidade necessária para suportar as reviravoltas inerentes às jornadas de cada uma dessas pessoas. Da mesma forma como ocorre neste trabalho, os escolhidos para o perfil são pessoas relevantes dentro de seus meios sociais e foi necessário que primeiro se estabelecesse uma ponte de confiança que levasse até as respostas mais pessoais alcançadas.

Aceitando as possibilidades de distorção involuntária dos fatos apontadas por Renato Ortiz (1989), no caso de a memória do entrevistado falhar ao relato, por exemplo, as informações de grande relevância e documentalmente comprováveis obtidas com as conversas com os perfilados foram checadas para garantir a veracidade das histórias contidas no livro. Com isso, é possível aproveitar-se das vantagens do método sem que a validade do trabalho seja questionada. “A utilização dos relatos de vida é significativa na medida em que eles adensam a compreensão do período, revelando-nos uma atmosfera que dificilmente poderia ser captada a partir de uma macroperspectiva.” (ORTIZ, 1989, pg. 79)

Por fim, também foi usada a observação participante. Para se obter informações que não podiam ser totalmente apreendidas por meio de perguntas, passou-se a frequentar lugares relevantes para a comunidade. Além de várias entrevistas terem sido realizadas no próprio Centro Israelita do Paraná, âmbito do convívio social dos israelitas de Curitiba, ao longo da pesquisa também foram visitadas a sinagoga – antes, durante e depois da realização da cerimônia do shabat –, o Museu do Holocausto, o Instituto Cultural Judaico Brasileiro Bernardo Schulman e a Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann.

Ter conhecido tais locais e tradições possibilitou uma imersão ainda maior neste cotidiano. Além disso, as anotações feitas como complemento às gravações das entrevistas, permitiram registrar características pessoais dos entrevistados que vão além daquilo que é dito, como expressões ou trejeitos que ajudam na caracterização do personagem.

No caso desta pesquisa, não foram encontradas grandes dificuldades de aceitação do pesquisador pelo grupo. Apesar de uma estranheza inicial, esse sentimento era rapidamente superado quando se compreendia qual era o objetivo das pesquisas e longas entrevistas.

Após reunir todas as informações citadas acima, as gravações das entrevistas foram devidamente transcritas para facilitar o acesso às informações e, especialmente, às citações diretas dos entrevistados. Com base nesse material, foi produzido o livro-reportagem.

Dividido em cinco capítulos, cada um deles traz um relato do envolvimento da vida de cada perfilado com um aspecto diferente da formação da comunidade judaica de Curitiba como se encontra hoje. O primeiro deles é o de Denise Weishof, no qual são abordadas questões relacionadas à educação, elemento de suma importância no judaísmo.

Em seguida, a história de vida de Pablo Berman serve como suporte para que se possa conhecer diversos aspectos da religião judaica. Foram abordadas desde das principais festividades até os objetos usados durante as celebrações.

Além de mostrar os horrores cometidos contra os judeus durante a Segunda Guerra, a história de Bunia Finkiel é uma das que mais mostra a gratidão sentida pelos imigrantes ao encontrarem uma terra onde podiam viver em paz. Bunia sofreu na pele diversas perseguições, que cessaram ao chegar ao Brasil.

Fechando o livro vem o perfil de Jaime Lerner, representando a prosperidade da comunidade. Com uma história cheia de prestígios, retrata o estabelecimento definitivo desse grupo que nasceu a partir de uns poucos primeiros imigrantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tinha como objetivo a produção de um livro-reportagem sobre a comunidade judaica de Curitiba atualmente, relatando esse retrato através de perfis de membros desta.

Para isso, partiu-se de uma fundamentação de teoria em jornalismo focada no estudo não apenas do histórico e métodos de produção do livro-reportagem, como também enveredou pelo jornalismo literário e se aprofundou no entendimento do gênero perfil, já que os dois últimos, juntos, formaram o molde final do produto.

Além disso, a análise feita durante o trabalho, através das entrevistas e da documentação bibliográfica consultada, levou a concluir que hoje a comunidade judaica não tem mais os traços que a configuravam inicialmente. Ao invés de um grande grupo de estrangeiros, com seus próprios hábitos e costumes, hoje essa diferença está muito menos significativa, à medida que os judeus se incorporaram à sociedade curitibana e hoje são parte indissociável dela.

Também foi constatado que, justamente por causa dessa progressiva assimilação, fica muito difícil delimitar que tipo de ações partem da comunidade se posicionando como um grupo diferenciado e quais são realizadas porque agora, afinal, todos são curitibanos e se comportam como tais. Só o que foi possível observar de forma conclusiva durante a pesquisa foi o elo indissociável dos judeus com a educação. Por isso, é nessa área que se pode dizer que há o maior destaque de seus membros, que, muitas vezes vão além da mera graduação e prosseguem em peso no meio acadêmico.

Quanto ao seu papel na economia da cidade, todos os entrevistados mostraram basicamente o mesmo histórico. Quando as famílias chegavam ao Brasil, eram sempre muito pobres e com nenhum tipo de especialização profissional devido às restrições impostas aos judeus em seus países de origem. Assim sendo, se engajaram no comércio itinerante e, aos poucos progrediram até se tornarem, muitas vezes, detentores de um vasto patrimônio.

Especialmente com a convivência adquirida no Centro Israelita do Paraná, pode-se perceber que o sentimento sionista é muito forte dentro do grupo trabalhado. Todos já foram ou estão indo em breve para uma visita a Israel e muitos moram por lá, ao menos em algum período da vida. Por isso e pelas tradições milenares presentes dentro do judaísmo, o uso do hebraico é constante mesmo em

conversas ou textos casuais, dificultando a compreensão de um ouvinte ou leitor leigo.

Apesar da dificuldade com a língua, toda a aproximação necessária à produção do livro fez cair por terra a impressão de que a comunidade judaica seja um ambiente fechado a influências ou envolvimento externos. Afinal, sem um nível mínimo de mergulho no cotidiano desse grupo não seria possível concluir o trabalho como desejado e dificilmente teria conseguido captar elementos que deixam o relato jornalístico menos frio e mais voltado ao campo da literatura.

Não se pode deixar de mencionar a compreensão de porque é tão difícil que a prática do livro-reportagem seja mais difundida dentro do jornalismo brasileiro. O trabalho toma muito tempo, muito estudo e o profissional ainda tem que lidar com os limites de seu envolvimento com o tema relatado: profundo o suficiente para emocionar, mas distante o bastante para preservar àquele relato a veracidade característica do jornalismo.

## REFERÊNCIAS

- BAIBICH, T. M.; Fronteiras da Identidade: o auto-ódio tropical. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.
- BARCELLOS, C. (2003). **Abusado: O Dono do Morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record.
- BARTON, John; MUDDIMAN, John. **The Oxford Bible Commentary**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BÍBLIA, Pentateuco. **Bíblia Sagrada**. Tradução por Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.
- BOSI, C.; SANTIN, K.; LIMA, M. D. V. **A construção do livro-reportagem: Um objeto de aspecto interdisciplinar entre jornalismo e literatura**. Curitiba, 2006 (Trabalho de conclusão de curso) Universidade Federal do Paraná, UFPR.
- BOTICÁRIO INSTITUCIONAL. **Uma bela história**. Disponível em: <<http://www.boticario.com.br/institucional/empresa/uma-bela-historia>> Acesso em: 12 fev. 2013.
- BRONFMANN, M. **Ativistas da comunidade - Salomão Guelmann. Visão Judaica**, Curitiba, n. 47, p.11, jun. 2006.
- BURSTEIN, Paul. Jewish educational and economic success in the United States: a search for explanations. **Sociological Perspectives**, Washington, v. 50, p.209-228, 2 nov. 2007. University of Washington. Disponível em: <[http://www.soc.washington.edu/users/burstein/Burstein\\_Jewish\\_Success\\_SP07.pdf](http://www.soc.washington.edu/users/burstein/Burstein_Jewish_Success_SP07.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- CARNEIRO, D. S (coord.). **Normas para apresentação de documentos científicos**. Curitiba: Editora UFPR, 2007. Vol. 2, 3, 4, 7 e 9.
- COMAS, J. **Raça e ciência I**. São Paulo, 1970.
- COOGAN, Michael. **The New Oxford Annotated Bible with Apocrypha**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- DELEGAÇÃO ESPECIAL PALESTINA NO BRASIL. **A questão Jerusalém**. Brasília: Stephanie, 1999.
- DEUTSCHER, I. **O Judeu Não-Judeu e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
- FALBEL, N. **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008.

FEDERAÇÃO ISRAELITA DO PARANÁ. **Inauguração da nova sinagoga.** Disponível em: <<http://www.feipr.org.br/noticias.aspx?id=196>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

FERRARI, M. H; SODRÉ, M. **Perfil: o personagem em destaque.** In: **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus, 1986.

FELDMAN, Sérgio. **Memória e História: recordar é viver. Visão Judaica,** Curitiba, n. 33, p.3, mar. 2005.

FÉLIX, Rosana. **1988: Os 12 dias que viraram 12 anos no poder. Gazeta do Povo,** Curitiba, 26 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/memoria/conteudo.phtml?id=1227271&tit=1988-Os-12-dias-que-viraram-12-anos-no-poder>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais.** In. **Revista de Administração de empresas.** São Paulo, v. 35, n. 3.

GOLDBERG, D; RAYNER, J. **Os judeus e o judaísmo.** Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

GONÇALVES, H. A. **Normas para Referências, Citações e Notas de Rodapé da Universidade Tiradentes.** Aracaju: UNIT, 2003. Disponível em: <<http://www.unit.br/downloads/manuais/citacoes-e-referencias1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

GOUVÊA, R. R. **A comunidade judaica em Curitiba – 1889-1970.** Curitiba, 1980 (Dissertação de mestrado) Universidade Federal do Paraná, UFPR.

GRILLO, S. V. C. **A produção do real em gêneros do jornal impresso.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

HERSEY, J. (2002). **Hiroshima.** São Paulo: Companhia das Letras.

HERZL, Theodor. **Discurso de abertura do primeiro congresso sionista.** Disponível em: <<http://www.chazit.com/cybersio/israel/congresso.html>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento.** Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Nova língua interior: 500 anos de história dos judeus no Brasil.** Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/brasil500/judeus.html>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

KERTZER, Morris. **What is a Jew?** Nova York: Literary Licensing, 2012.

LAMM, M. **A Maneira Judaica de Morrer.** Disponível em: <[http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento\\_luto/artigos/maneira.html](http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto/artigos/maneira.html)>. Acesso em: 02 jan. 2013.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 2. ed. São Paulo: Manole, 2004.

LIPINER, E. **A nova imigração judaica no Brasil.** In **Breve História dos Judeus no Brasil.** Rio de Janeiro: Biblos, 1962

LOURENÇO NETO, S. **Imigrantes Judeus no Brasil, marcos políticos de identidade.** **Locus:** Revista de História. Juiz de Fora, v. 14 n. 2. jul. – dez. 2008.

MÁRQUEZ, G.G. **Notícia de um seqüestro.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

MARTINEZ, M. **Jornada do herói – a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo.** Tese de doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2002.

MEDINA, C. **Entrevista: diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1995. Disponível em: <[http://www.4shared.com/office/kej4Zyob/Livro\\_Entrevista-O\\_dialogo\\_pos.html](http://www.4shared.com/office/kej4Zyob/Livro_Entrevista-O_dialogo_pos.html)>. Acesso em: 23 ago. 2012.

MILAN, P. **Curitiba terá Museu do Holocausto.** **Gazeta do Povo,** Curitiba, 12 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1191491>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

MITCHELL, J. **O segredo de Joe Gould.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FOLHA DE S. PAULO. **NOVO Manual da Redação** Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_producao\\_introducao.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_introducao.htm)>. Acesso em: 27 maio 2012.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **O RÓTULO dos jornais** Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o\\_rotulo\\_dos\\_jornais](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_rotulo_dos_jornais)>. Acesso em: 22 jun. 2012.

ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

PENA, F. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, A. C. **Os discursos no discurso do livro-reportagem.** Caligrama (ECA/USP. Online), v. 2, p. 1-17, 2006.

PIZA, D. **Jornalismo Cultural.** São Paulo: Contexto, 2009.

RAFFALOVITCH, I. **Breve história da literatura judaica**. Rio de Janeiro: Biblos, 1962. Disponível em: <<http://colecão.judaismo.tryte.com.br/livro3.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

ROWLAND, R. **Cristãos-novos, marranos e judeus no espelho da Inquisição** In **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, n.10, p.172-188, jan. 2010. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi20/topoi20\\_12tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi20/topoi20_12tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2012

SAIBA mais sobre a fundação do Estado de Israel. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 07 maio 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u399537.shtml>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

SANCHEZ, G. **Ashkenazi e sefaradi: cinco mil anos à mesa**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/ashkenazi-sefaradi-cinco-mil-anos-mesa-435394.shtml>>. Acesso em: 02 jan. 2013.

SEIERSTAD, A. **O livreiro de Cabul**. São Paulo: Record. 2006.

SEREBRENICK, S. **Breve história dos judeus no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblos, 1962. Disponível em: <<http://colecão.judaismo.tryte.com.br/livro10.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

SPAGNUOLO, Sérgio. O templo de Salomão. **Istoé Dinheiro**, São Paulo, n. 715. 17 jun. 2011. Disponível em: <[http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/59667\\_O+TEMPLO+DE+SALOMAO](http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/59667_O+TEMPLO+DE+SALOMAO)>. Acesso em: 11 fev. 2013.

SZKLARZ, E. **Conheça a origem de Deus**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/conheca-origem-deus-731356.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

SOUSA, J. P. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <<http://chile.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

TALESE, G. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THE JEWISH PEOPLE POLICY PLANNING INSTITUTE. **Annual Assessment - 2007**. Jerusalém, 2007. Disponível em: <<http://jppi.org.il/uploads/Annual%20Assessment%202007.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2012.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo, a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. II, Florianópolis: Insular, 2005.

USSISHKIN, Ann. **Jewish Colonization Association (ICA)**. Disponível em: <[http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/judaica/ejud\\_0002\\_0011\\_0\\_10128.html](http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/judaica/ejud_0002_0011_0_10128.html)>. Acesso em: 15 jan. 2013.

VILAS BOAS, S. **A arte do Perfil**. In. **Revista “Biblioteca Entrelivros”**. Disponível em: <[http://www.sergiovilasboas.com.br/blog/?page\\_id=2062](http://www.sergiovilasboas.com.br/blog/?page_id=2062)>. Acesso em: 25 ago. 2012.

\_\_\_\_\_. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WYLEN, S. M. **The Jews in the time of Jesus: an introduction**. Mawah: Paulist Press, 1995.

## ANEXOS

ANEXO A – Rabinos Pablo Berman e Michel Schlesinger fixam a *mezuzá* à entrada da Sinagoga Beit Yaacov. Crédito: Gilson Camargo



ANEXO B – Comunidade lota a Sinagoga Beit Yacoov, que tem capacidade para 600 pessoas. Crédito: Gilson Camargo



ANEXO C – Alunos da turma do jardim II de 2011 brincam de fazer *shabat* na Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann. Crédito: Marina Feldman



ANEXO D – Alunos da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann participam de evento cultural no pátio da instituição. Crédito: Divulgação



ANEXO E – Alunos do 5º ano da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann constroem maquete de Israel na aula de História Judaica. Crédito: Marina Feldmann



ANEXO F – Sala do Museu do Holocausto de Curitiba com relatos de sobreviventes dos campos de concentração. Crédito: Rodrigo Juste Duarte



ANEXO G – Sala do Museu do Holocausto de Curitiba com réplicas de documentos e símbolos usados para identificar os judeus durante a ditadura de Adolf Hitler.

Crédito: Rodrigo Juste Duarte



ANEXO H – Sala do Museu do Holocausto de Curitiba com réplicas da propaganda antissemita e uma página original da *Torá* remanescente de uma sinagoga destruída. Crédito: Rodrigo Juste Duarte

